

1- Meditações sobre Arte, arteterapia, memória, coração, mistagogia, potências da alma, liturgia, rito.

14/03/17 Arte, arteterapia, analogia, imaginação, psicologia, potências da alma

Faculdades que unem sensível e inteligível: reminiscência, cogitativa e imaginação (São Tomás), affectio imaginaria (Hugo de São Vitor), imaginatio mediatrix (Ricardo de São Vitor). São elas que possibilitam a expressão artística que exige uma "reflexão" um retorno consciente à experiência sensível (reminiscência). E só a partir delas é que o raciocínio conceitual pode surgir. Elas que permitem a analogia e compreensão do símbolo e seu simbolizado. É a partir delas que podem surgir os affectus da alma no sentido de São Bernardo como uma espécie de sacramental que conduz ao máximo simbolizado que é Deus numa impressão que ao mesmo tempo atinge a sensibilidade e o espírito.

Em Santo Agostinho (segundo pude perceber, e se compreendi adequadamente) estas faculdades todas (imaginação, cogitativa e reminiscência) são assumidas (no sentido de absorvidas num plano mais elevado) pela memória espiritual, a consciência de si e de Deus (memoria sui e memoria dei), que, no momento da reflexão consciente, une a experiência acumulada das coisas perceptíveis na fantasia e reminiscência ao conhecimento abstrato acumulado em conceitos no intelecto possível. Isto graças à uma iluminação do intelecto agente que é percebida por Santo Agostinho como uma iluminação divina: neste ato consciente de si, de Deus, das coisas, se estabelece a intuição da verdade, a união entre o que se percebe e compreende das coisas e de si com os primeiros princípios evidentes.

Segundo São Tomás:

1- Da experiência sensível nos cinco sentidos recebemos no sentido comum uma impressão do particular aqui e agora (sempre total do "objeto" numa unidade com todos os aspectos comuns, peso, dimensões, medidas e proporções intrínsecas integrados com todos os aspectos próprios, as cores, sons, cheiros, etc.: aqui Gestalt e Tomás se encontram afirmando o mesmo).

2- As impressões são conservadas na fantasia (tesouro das formas sensíveis como semelhanças do "objeto real") que no homem pode compor e dividir já participando da virtude da inteligência e segundo Avicena ser assim chamada imaginação (Avicena distingue duas faculdades fantasia e imaginação, Tomás as unifica chamando indiferentemente fantasia ou imaginação mas com a ressalva de que só no homem compõe e divide); a imaginação ao compor e dividir já participa de uma influência da inteligência fazendo o homem perceber também certas possibilidades não atualizadas no real.

3- A estimativa é que contempla nessas impressões (guardadas ou presentes ou transformadas pela composição e divisão na imaginação) as "espécies intencionais" ou seja a nocividade ou bondade de determinado "objeto" por certo instinto natural de preservação e finalidade (causa

final, bem), o correlato no desejo sensível é o amor sensível ao bem sensível percebido pela estimativa e também todas as outras emoções em conexão direta com o amor. No homem esta estimativa opera tanto por instinto de preservação como por comparações (baseadas nas composições e divisões da imaginação), sendo quando assim opera por comparações chamada de cogitativa ou razão particular (assim como a imaginação, a cogitativa participa de um refluxo da inteligência espiritual que a dirige já numa direção mais universal).

4- a memória por fim diferentemente da fantasia guarda não as impressões sensíveis ou formas imaginadas mas as "espécies intencionais" e no homem tem o poder chamado reminiscência, ou seja a capacidade (decorrente novamente do influxo da inteligência) de compor e dividir como a imaginação em raciocínios que estabelecem ligações entre as "espécies intencionais".

5- é a partir deste trabalho já realizado pela reminiscência (de estabelecer raciocínios particulares de ligação e separação entre os particulares apreendidos como possíveis e como possíveis bens ou possíveis males) que a inteligência pode então usar seu poder de abstrair o conceito universal através do intelecto agente e receber os conceitos e guardá-los no intelecto possível. A inteligência apreende o universal também como bem e assim dirige a vontade à uma escolha livre que nos seus desejos (que dirigem as ações e comportamentos) parte de uma compreensão do bem desde o bem do prazer imediato da apreensão sensível no sentido comum até o bem máximo e universal fonte de todos os bens, passando pelo bem imaginário possível e pelo bem concretamente benéfico ao ser vivente segundo a experiência acumulada mostrada na reminiscência.

Em Hugo de São Vítor esses degraus aparecem do seguinte modo:

- 1- Sensus, (sentidos próprios - visão, audição, paladar, tato, olfato - e sentido comum)
- 2- imaginatio, (fantasia, imaginação enquanto retenção das formas sensíveis)
- 3- affectio imaginaria, (imaginação criadora, criativa que participa da inteligência e compõe e divide)
- 4- ratio in imaginationem agens, (cogitativa e reminiscência: razão agindo na e pela imaginação)
- 5- ratio pura supra imaginationem. (Razão pura que opera compondo e dividindo os conceitos universais em proposições e juízos, operação do intelecto a partir do intelecto possível enquanto memória espiritual). Preciso verificar ratio em São Tomás e operações do intelecto e a partir disso tecer considerações sobre ratio e proporções /analogias para estabelecer o que é arte e sua relação com os tipos de discurso.

"É conatural ao homem atingir o conhecimento do inteligível pelo sensível. E é pelo signo que se atinge o conhecimento de alguma outra coisa."

" *Est autem homini connaturale ut per sensibilia perveniat in cognitionem intelligibilem. Signum autem est per quod aliquis devenit in cognitionem alterius* "(III,60,4). São Tomás.

Hipótese minha (baseada nas teorias escolásticas sobre as faculdades da alma e na experiência): nos estados psicóticos há uma deficiência da reminiscência (e até certo ponto também da cogitativa) que em diversos graus vê-se impossibilitada de operar; é a reminiscência que permite o reconhecimento de si próprio e das coisas no fluir do tempo, é ela que permite a percepção de um "eu" real e existente que vive diversas transformações e que permite que a inteligência possa reconhecer na experiência concreta a sua própria operação racional e inteligível. Também é ela que permite a separação entre o que é possibilidade imaginária e o que é realidade e a percepção portanto das coisas exteriores e das fantasias como distintas do sujeito.

Seria preciso averiguar até que ponto as emoções da sensibilidade e afetos da vontade e até que ponto a fantasia sem freios podem através de hábitos (no sentido escolástico de disposição arraigada pela repetição dos atos) predispor para os estados psicóticos por um influxo negativo na operação da cogitativa e da reminiscência. E, por outro lado, seria preciso ver até que ponto alterações corporais de base conhecida ou desconhecida afetam a reminiscência e a cogitativa (na epilepsia por exemplo tem-se comprovadamente alterações no padrão dos impulsos nervosos que são mediados pelos neurotransmissores, em alguns tipos há para essa alteração comprovadamente uma causa externa de alteração estrutural anatômica por doença ou acidente, em outros tipos cogita-se uma causa genética mas não se exclui que em interação com a genética maus hábitos possam ter influência). Os antigos consideravam os temperamentos melancólico e colérico (de base genética) especialmente propensos às doenças da alma e isso em virtude possivelmente de que se caracterizam pela marcação profunda na fantasia dos estímulos recebidos no sentido comum e assim também por paixões profundas delas decorrentes.

17/03/17 (editado dia 26/03/17) recordação memória coração liturgia

Sl 104, 5a

Lembraí sempre as maravilhas do Senhor!

Lucas 2,19

Maria conservava todas estas palavras, meditando-as no seu coração.

Lucas 1, 46-47

E Maria disse: Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador.

No homem recordar é tentar reviver uma experiência que já passou, é tentar tornar presente no coração novamente a experiência através da imaginação, da reminiscência, da inteligência e dos conceitos e através das emoções e afetos: em suma através de todo o seu aparato cognitivo e volitivo. Este retornar da experiência no coração é via de regra um análogo, um símbolo, uma imagem da experiência que já foi, semelhante e nunca idêntico à experiência mesma: até porque renova a experiência no mais íntimo centro, na reflexão consciente do coração (inteligência enquanto memória espiritual e presença de si mesmo a si mesmo que

absorve em si a reminiscência da experiência sensível e mediante os signos trabalhados por esta faz com o intelecto agente seu trabalho de analogia que conduz do sensível ao espiritual e não imediatamente nas potências que receberam a impressão da experiência (é sempre a imaginação e a reminiscência que mediatamente com sinais: ancoram as experiências, permitem no trabalho com os sinais uma movimentação dos afetos e emoções e dão a base para o trabalho abstrativo do intelecto e de seus raciocínios; na memória do coração não temos a presença interior ou exterior do fato que trazemos à tona mas seu semelhante num símbolo).

Porém há um tipo específico de experiência, a intuição da verdade, que mediante a tentativa do retorno consciente através dos símbolos pode ser de fato renovada não como semelhança (sempre diferente) e não no sentido de identidade absoluta mas como uma nova intuição que refazendo a anterior aprofunda seu conteúdo: as semelhanças e analogias simbólicas relacionadas com a experiência da verdade despertam a inteligência atenta no coração e esta refaz a experiência intuitiva originária mas ao refazê-la se transforma (a inteligência se modifica) e deste modo a intuição se torna novidade mesmo sendo repetição de experiência anterior.

Esta novidade da verdade sempre se apresenta ao coração nos fatos e sempre que experimentamos um fato novo (intuído como verdade e realidade graças à uma contemplação amorosa que acolhe sua manifestação) temos uma possibilidade de que a contemplação ressuscite na memória os análogos simbólicos relacionados com experiências anteriores da verdade e de um modo especial possibilita que experiências de fatos similares possam ser conectadas simbolicamente e haja de certo modo um reconhecimento da verdade.

Este reconhecimento é sempre unido a um desconhecimento na medida em que a apreensão da verdade se dá na analogia simbólica porque é a verdade transcendente que dá suporte à inteligibilidade no ser humano e não o inverso e sendo transcendente sempre contém algo não manifesto que se mostra apenas parcialmente no manifesto: um gato que estou vendo me mostra parcialmente as possibilidades do ser gato e não importa quantos gatos eu veja e quantas vezes eu veja o mesmo gato nunca se esgota a possibilidade de captar algo novo antes não captado. E, por outro lado, nunca no tempo o ser se apresenta de modo idêntico, identidade só pertence plenamente à eternidade e assim cada instante é um novo manifestar-se da verdade sem nunca esgotá-la. A cada renovação da experiência da verdade há uma transformação nos análogos simbólicos guardados na reminiscência, na imaginação e no intelecto possível numa tensão em direção à um melhor reconhecimento mas esta melhoria depende sempre de uma abertura amorosa para a contemplação dos fatos como novidades sempre diferentes de seus similares guardados, a verdade se dá antes na manifestação do ser que se apresenta no fato e só analogicamente e de modo limitado no reconhecimento.

Um apego aos símbolos na memória sem que haja uma abertura para a fecundidade sempre renovada e nova das possibilidades do ser se manifestar é um endurecimento do coração, um

fechamento do coração em si e portanto uma alienação. O coração e a memória espiritual como inteligência que é só pode recordar plenamente quando há intuição nova da verdade, quando há renovação da experiência do ser como ser que se manifesta, ou seja, a memória espiritual só pode existir como uma atenção presente ao fato presente do ser que no presente se manifesta ao ser presente da memória espiritual, mas estas presenças como o ser é análogo tornam presentes os símbolos e simbolizados que são semelhantes e ao mesmo tempo diferentes.

As presenças que se relacionam na presença de si da memória espiritual se realizam numa relação entre o ser eterno e sua manifestação temporal, a fonte da memória humana portanto é a própria realidade total do ser como presente a si mesmo na eternidade (a memória divina) e as múltiplas formas de manifestação dessa presença nas participações que são as criaturas e os acontecimentos. Para que o coração possa estar aberto à presença do eterno no temporal e assim estar aberto à verdade é necessário que seja humilde, ou seja, que não esteja preso à falsos ídolos, aos símbolos corrompidos em seu coração por causa de um amor desordenado de si que cria falsas imagens de si e portanto de toda a realidade. O único meio para a humildade é a abertura do amor ao outro que conduz ao amor da verdade que se percebe a partir disto no outro e em si mesmo, mas, para que haja a abertura do amor é necessária a experiência da própria limitação de nossa atividade e muitas vezes isso só se torna possível pela dolorosa experiência de pecar e padecer as consequências do pecado. A dor, se aceita na sua realidade, permite o nascimento do amor pela contemplação de Cristo crucificado, não mais como distante mas como alguém semelhante que se compadece de nós.

Outras experiências, as de compreensão das possibilidades, verossimilhanças e probabilidades se renovam plenamente apenas na medida em que são ancoradas na renovação da intuição da verdade, mas tem um interesse imenso o seu retorno consciente porque ele pode provocar ao despertar a inteligência atenta não a renovação da experiência da verdade mas sua própria novidade e tornar-se presente pela primeira vez. Neste sentido também o recurso de recordação coletiva através de textos, ritos e transmissões significativas pode permitir tanto a experiência dos análogos imaginativos das possibilidades, verossimilhanças, probabilidades quanto a novidade da experiência da verdade num indivíduo (renovando nele a experiência da verdade de outros indivíduos).

A verdade é sempre mistério e a mistagogia assim é o processo/movimento mediante o qual aquele que é iniciado na verdade recebe do alto a luz da verdade seja através da participação natural (a luz da inteligência criada) seja através da participação sobrenatural (a graça de uma iluminação interior). Neste processo os símbolos e imagens recolhidos pela recordação coletiva nos ritos (ritos que envolvem as artes do belo para criação e conservação dos símbolos: poesia, música, expressão corporal) junto com a ação do mistagogo orientando a meditação (a tradução simbólica para as vivências imaginativas daquele que é iniciado e a recordação como ruminação e mastigação para que da experiência simbólica possa surgir a intuição da verdade) servem de meio mistagógico.

O processo mistagógico portanto exige: 1- de um lado ou o surgimento/criação/descoberta de signos e símbolos adequados (obra que pode ser divina e/ou humana) ou a transmissão de signos e símbolos para a geração seguinte (a recordação coletiva, a memória de um povo) e 2- de outro lado exige um trabalho de educação e autoeducação da imaginação, da reminiscência e da atividade meditativa no coração por parte de cada novo iniciado.

O maior mistagogo e criador de símbolos é Deus através das suas obras tanto na criação da natureza quanto na permissão e orientação dos fatos históricos por meio de sua providência. Deus se recorda não como o homem mas criando fatos sempre novos a partir da eternidade sempre antiga e sempre nova, a partir do Logos/Verbo/Verdade que é a palavra interior divina e eterna sempre contemplada por Deus.

Na medida em que o homem participa da verdade pela intuição natural ou pela fé ele pode participar da recordação/contemplação divina da eternidade e assim dar sentido ao fluxo do tempo desde que recorde meditando no coração as obras de Deus. Essa recordação humana da verdade é o fundamento para a felicidade humana e para a direção consciente da própria vida no exercício da liberdade e por isso é que Santa Edith Stein pode falar do centro da alma como o centro da liberdade. O centro da alma na alma é o coração como memória espiritual e o centro autêntico do coração é a Verdade que em última instância se identifica com Deus.

Quando Deus se revela de modo explícito em seu Filho e institui a Igreja esta passa a ser como um coração pulsante meditativo que sempre renova a manifestação da verdade de modo divino e infalível nos seus ritos litúrgicos (e com certo grau de falibilidade nos ritos para-litúrgicos e de devoção privada) porém sempre com a participação humana e seu trabalho artístico.

O trabalho artístico humano pode atrapalhar o rito e seu desenvolvimento orgânico de modo accidental, o rito permanece infalível na sua essência mas pela deficiência tanto artística quanto receptiva e meditativa (por falta de bons mistagogos) a iniciação na verdade pode ser prejudicada neste e naquele indivíduo singular e nesta ou naquela comunidade específica.

A deficiência de tradição artística ou seja a inaptidão de renovar e ao mesmo tempo manter a coerência entre passado e presente tendo em vista o futuro causa a incomunicabilidade e portanto impede a iniciação a não ser que um mistagogo realmente milagroso humano ou divino (este é um dos sentidos da assistência infalível do Espírito Santo à Igreja) supra a deficiência de comunicação pela sua ação pedagógica que renova a compreensão dos símbolos e suscita o surgimento de artistas de fato inseridos na tradição que possam aproveitar os elementos deficientes numa nova forma que os supera e integra na recordação de símbolos perenes.

Só é possível, portanto, um desenvolvimento orgânico do rito, sua inculturação e renovação se há verdadeiros artistas na comunidade (principalmente poetas pela sua conexão com o texto sagrado das escrituras) e se há verdadeiros mistagogos e se ambos viverem de fato a partir do centro do coração e a partir da meditação contínua. Os grandes místicos da Igreja sempre são poetas e mistagogos em plenitude quando têm além do chamado místico o chamado de transmitir sua experiência aos outros e é apenas pela multiplicação de místicos e pela atuação destes nas reformas que é possível alterações benéficas nos ritos.

Ainda que nem todo ser humano deva ser artista ou mistagogo para a comunidade, entretanto cada um deve ser para si artista e mistagogo ao menos desenvolvendo a capacidade de processar suas próprias experiências na reminiscência e imaginação transformando-as em signos que possam ser mediadores no diálogo interior. Muitas vezes o recurso aos meios concretos externos, a exteriorização de sinais e símbolos é necessária mesmo que para si apenas, mas sempre é necessária ao menos no diálogo com um mistagogo que ajude no processo de acesso à verdade.

Essa exteriorização dos signos graças às variadas intensidades e durações do processo meditativo e graças às diversas vocações e habilidades se realiza através de diversos tipos de discurso: o falar simples, o poético, o literário, o filosófico, o filosófico-teológico, a pintura, a música, o artesanato, o trabalho manual que resulta em algum objeto, o trabalho realizado em outro ser humano de auxiliá-lo em sua formação através de um discurso ao mesmo tempo pedagógico e terapêutico (que pode ser realizado de muitas maneiras, todas as já citadas e outras). Os tipos vários de discurso não excluem uma mescla entre eles, e num discurso determinado você pode ter ao mesmo tempo por exemplo filosofia e poesia e teologia (exemplo deste caso: o hino adoro te devoto).

Cada tipo de discurso está relacionado com um fazer específico, com uma arte específica que torna palpável em signos sensíveis (auditivos, táteis, visuais, olfativos - meio raro - ou todos juntos) as impressões e experiências. A arte enquanto arte não é conhecimento (este é a intuição da verdade) e não é enquanto arte agir ético (ação humana ordenada ao seu fim último pelo amor ao bem) mas um fazer que cria algo que antes não existia pela transformação daquilo que já existia. Arte pura não existe (ainda bem que não existe) e assim a arte está intimamente relacionada seja ao conhecimento da verdade como princípio e como fim seja ao agir ético e moral que busca o bem pelo amor.

A arte é meio fundamental que permeia o conhecimento e o agir moral permitindo a expressão da verdade e do bem em símbolos de modo que a transmissão da verdade e do bem possa acontecer. A ciência, a religião, a filosofia estão ancorados assim na arte, na poética como discurso mais fundamental sem o qual os outros não são possíveis e na medida em que há um discurso científico, um discurso filosófico, um discurso religioso há uma arte específica de criar cada um destes discursos porque arte é criação.

O conhecimento reflexivo só pode surgir do discurso interior e mesmo que esse discurso não se exteriorize para fora ele exige um exteriorizar "para dentro" no sentido em que exige a inteligência que contempla e recebe o discurso e aquela que o cria. Ambas estão ancoradas na presença de um transcendente inteligente que dialoga com o discurso interior e que inicia o processo pela apresentação da verdade num fato que é experimentado como real na sua transparência simbólica.

A reflexão meditativa parte da contemplação de um fato simbólico como real (ou, dito de outro modo, da contemplação de um fato real como simbólico) na experiência ao mesmo tempo sensível e espiritual de encontro com um ser, encontro com uma obra de arte humana ou divina e que se dá na manifestação da beleza. A reflexão que nasce da contemplação deve se dirigir à contemplação e existe como uma busca amorosa pela beleza que foi de algum modo contemplada mas causa um desejo de maior plenitude da contemplação.

A memória espiritual, o coração, é a alma contemplando num único ato que envolve o sensível e o espiritual ou a alma dirigindo uma busca pela melhor contemplação através de um trabalho com os símbolos que estão no intelecto possível, na reminiscência e na imaginação. Alma e coração, assim, no ato contemplativo, não se opõe ao corpo mas se considera como a totalidade vivente de um ser humano que em seu ato propriamente humano se abre à verdade que se manifesta participativamente num ser (graças à inteligibilidade da totalidade do ser que é em Deus inteligência e realidade). À medida que sucessivas contemplações renovam a experiência da verdade de diversos modos e à medida que o trabalho de retornar à contemplação mediante a meditação se torna mais perfeito, então aos poucos o ser humano pode viver num ato contemplativo mais e mais atual e permanente dirigindo todas as suas ações pela presença amorosa da eternidade e pela busca amorosa de um viver mais intensamente esta presença.

A falha no processo de meditação e reminiscência (processo que "digere" os símbolos para que tenham sentido e não se tornem "cascas vazias") e/ou de dirigir este processo ao seu fim contemplativo seja por causas orgânicas doentias, seja pelo excesso de impressões imaginativas (pode ter causa orgânica no temperamento ou ser fruto de maus hábitos ou de falta de exteriorização), seja pelo desvio da vontade, seja pela ação diabólica, seja pelos excessos do mundo, pode causar a loucura em suas formas de neurose e de psicose.

O temperamento melancólico por seu excesso de fantasia é propenso à loucura mas todos os temperamentos tem seus aspectos de tendência para doenças da alma.

A libertação dos excessos da imaginação pode ser feita por um trabalho de educação imaginativa e simbólica que leva o doente a um trabalho de arte, um trabalho de exteriorização dos muitos fantasmas interiores (no duplo sentido, tanto no sentido de assombração quanto no sentido de imagens que se acumulam na imaginação) em obras criativas seja na fala com um terapeuta, seja na produção de escritos, pinturas, artesanatos,

etc. Essa exteriorização dos símbolos mesmo quando não perfazem uma obra acabada e propriamente artística servem para ancorar o trabalho de reminiscência e meditação aliviando a consciência dos excessos de impressões e permitindo um trabalho longo de integração da consciência na memória espiritual. Quando o trabalho de integração atinge uma consistência adequada é possível que esses fragmentos de atividade criativa resultem numa obra mais acabada e num trabalho benéfico tanto para o paciente quanto para a comunidade.

A exteriorização do símbolo que está dentro da alma cria pelo processo artístico um fato novo que participa do símbolo anteriormente não exteriorizado e participa do símbolo que antes originou o símbolo interior mas que ao se constituir já se torna outro símbolo diverso e que pode ser então contemplado na sua manifestação, ou seja, possibilita nova apreensão da verdade desde que haja no coração uma abertura e tensão para a totalidade do real e da verdade. Esta abertura só pode acontecer mediante um esforço da vontade em direção ao bem.

Na medida em que todo ser humano tem algo de loucura por causa do pecado original e de seus pecados pessoais e na medida em que o excesso da fantasia pode ser causado pela desintegração da consciência realizada pelo pecado, todo ser humano precisa de arteterapia como um meio de integração da consciência na memória através da mediação dos símbolos e isso de um modo duplo: pela catarse do fazer artístico que exterioriza os fantasmas interiores e pela catarse da experiência estética de recepção da obra de arte. A liturgia e os ritos humanos e divinos (incluindo aqui nos ritos divinos o acontecer do cosmos) são formas de arteterapia englobando múltiplos sentidos e múltiplas formas de arte e tem um papel importante para a cura das doenças da alma.

Para que haja entretanto uma autêntica terapia é preciso que se tenda para a arte verdadeira. Quando ao invés de uma real experiência simbólica e analógica temos a mera estetização e roupagem de ideologias, abstrações e conceitos (muitas vezes pressupostos e subconscientes), então temos uma arte doentia que não é terapêutica a não ser que a exteriorização permita uma conscientização dessas parcialidades conceituais e o enfrentamento delas visando uma busca sincera pela verdade no mistério.

A arte doentia acontece com a fragmentação da mente que partindo de partes da verdade separa estas partes do mistério total e associa estas partes a imagens fantasiosas. É uma racionalização doentia do símbolo e do mistério da verdade e do real que cai naquilo que Chesterton disse: "O louco não é um homem que perdeu a razão. É um homem que perdeu tudo exceto razão." Ou seja, louco é o que perde (temporariamente ou não) a capacidade intuitiva da inteligência de captar a verdade no fato presente prendendo-se naquilo que é meio e disposição para aprofundar essa intuição: a composição e divisão em raciocínios que partem dos símbolos, raciocínios que podem ser imaginativos e fantasiosos e até certo ponto automáticos/instintivos/passionais ou raciocínios abstratos sem conexão suficiente com suas bases imaginativas e de intuição da verdade.

A arte muitas vezes se torna doentia causando loucura pela busca estúpida de uma arte pura que não esteja relacionada intimamente com a busca do bem e da verdade pelo artista que a realiza. Ética, Estética e Sabedoria devem estar unidos na atividade artística como os transcendentais do ser (Bem, Beleza, Verdade) estão unidos na plenitude metafísica do real. Somente esta unidade graças ao trabalho de recordar no coração permite a plenitude da beleza, beleza que cura porque recompõe na unidade a Verdade e o Bem, o sensível e o espiritual, a forma e a matéria, o corpo e a alma, a diferença e a semelhança, realizando na analogia a plenitude do símbolo (símbolo, do grego *sumballō* = colocar junto, comparar, corresponder, chegar à uma conclusão, e deste modo também o sinal que permite tudo isso).

A atividade doentia da razão dissociada da reminiscência e reflexão realmente consciente apresenta-se com uma excessiva atividade compositiva ou seja unificante (causando univocidade e mistura por semelhança nos símbolos, perda de clareza e contraste, ligações formais inconsistentes que confundem tudo sem que as diversas tensões e oposições complementares da realidade possam se manifestar à consciência) ou ao contrário por uma excessiva atividade divisiva (causando equivocidade e diferença extrema nos símbolos, dissociação e caos atomístico no qual as experiências não podem mais ser relacionadas e integrar-se na consciência como as coisas estão integradas na natureza). Estes opostos doentios muitas vezes se manifestam no corpo e na alma combatendo um ao outro numa tentativa de remediar um extremo pelo outro. O primeiro mais unificante está mais relacionado com o instinto de preservação e com uma busca de integração da natureza com a natureza, está relacionado mais com a fantasia e imaginação. O segundo mais divisivo está mais relacionado com o nosso tender para a morte e destruição e com uma racionalização abstrata que sem enxergar a eternidade aguça a percepção do mal como algo insuperável e as oposições complementares perdem seu sentido relacional e se isolam em contradições.

A oposição doentia só é possível porque existe uma oposição natural que vive em cada criatura: é ao mesmo tempo participante de Deus e criada a partir do nada; por isso todo símbolo criado é misto de trevas e luz, todo símbolo é ambíguo e pode ser lido univocamente, equivocamente ou analogicamente e quando o símbolo é criação humana consciente, subconsciente ou inconsciente maior é a possibilidade de ambiguidade e até de ação diabólica interferindo na compreensão. Somente é possível a plena visão analógica e compreensão do símbolo com a integração da consciência, com a integração entre sentidos, imaginação, cogitativa, reminiscência, razão, emoção, afeto, intelecto, na operação da inteligência que recordando vive presente a si mesma e presente à totalidade do real na memória espiritual.

É na memória espiritual, neste "lugar", o coração no sentido das escrituras - o centro da alma, que a Beleza atinge plena ressonância e espelhamento transfigurando a alma que de deformada e desfigurada se torna unificada pela luz que vem do alto, se torna unificada pela Verdade em seu mistério. Os símbolos precisam se integrar entre si para que se evite sua corrupção e destruição e isto só é possível pela ação do símbolo máximo que é Cristo

Crucificado e Ressurrecto - ao mesmo tempo máximo simbolizado como Deus, ao mesmo tempo máximo símbolo como homem perfeito e Senhor da criação.

Em Deus mesmo Cristo como Logos e Palavra é símbolo perfeito do Pai não analogicamente (caso das criaturas como símbolos) mas idênticamente: ele é o próprio e único Deus assim como o Pai na unidade do Espírito Santo que é amor unificando o Pai e o Filho. O Espírito Santo é no amor o elo unificante de todo o universo, e por isso o afeto é de fundamental importância para que na memória os símbolos se unifiquem num conjunto harmonioso e não basta o afeto espiritual, também as emoções e os movimentos corporais do coração de carne devem entrar em sintonia com o espírito. A ação do Espírito Santo é justamente mediante seus dons a ação de um mistagogo supremo que pelo amor unifica cada vez mais a alma e a transforma para que participe da Luz de Cristo e assim a imagem e semelhança sejam restauradas na pessoa humana pela integração completa de sua vida na tensão para a eternidade: a "intentio cordis" da regra de São Bento.

O segundo tipo de raciocínio doentio (abstrato e sem conexão com as bases de imaginação e intuição da verdade) com frequência caracteriza aquele ser humano que as escrituras e a tradição filosófica ocidental pagã e cristã chamam de insensato (sem senso, sem sentido, sem imaginação ordenada à verdade), néscio (aquele que não tem ciência, que não une dialeticamente, dialogicamente impressões e raciocínios buscando a verdade), idiota (de "idios"= o mesmo, idiota é aquele que fica na mesmice de si sem transcender-se saindo de si para os lados - convívio com o próximo, ou para cima - relação com a verdade que é Deus em última instância, ou para baixo - percebendo a verdade nas criaturas), imbecil (do latim= sem suporte, fraco).

Com frequência o raciocínio imbecil é resultado do orgulho e excessivo amor de si mesmo e se manifesta mais na neurose que é um fingimento racionalizado e ao mesmo tempo irracional (por não estar vinculado à verdade), uma tensão contínua de aparentar aquilo que não se é. Este orgulho neurótico nasce e se alimenta com o remorso e a frustração (duas armas do diabo para nos acusar e nos levar à autodestruição) e tem relação tanto com nosso desejo de sermos amados (que pode pelo pecado ser excessivo) quanto com a frustração desse desejo provocada pela perversidade do mundo que não oferece e não pode oferecer amor. Em cada um vive a carne (desejo desmedido de ser amado), o mundo (perversidade propagada na vida social superficial) e uma inclinação que nos leva a assemelharmo-nos ao demônio (sempre acusador de si, de Deus, de tudo, com ódio e remorso contínuo apoiado na mentira). Por causa do pecado é impossível não padecermos com algum grau de neurose, somente a graça pode devolver a integridade para a alma mediante a arte divina dos símbolos, entre eles os mais elevados são os sacramentos que realizam aquilo que significam nos ritos litúrgicos.

Como a neurose é uma doença nos pensamentos a cura só é possível pelo esforço da vontade auxiliada pela graça (ou de um outro ponto de vista mais elevado só é possível pela graça que seduz e pede colaboração da vontade). A corrupção dos signos causada por sua materialidade

e pelo mal moral exige que cada um seja obediente a uma influência externa confiável e benéfica através do amor e da vontade para que haja uma saída do labirinto dos maus pensamentos (a cura não pode ser só pelo conhecimento racional - ou muito menos irracional - através dos pensamentos de cada um e este é o erro das propostas gnósticas de salvação). Esta ação da vontade sobre a inteligência é a fé que confia numa autoridade externa e na verdade que essa autoridade porta mas que pode ser conscientizada mais e mais de modo que fé e razão se unem trabalhando para o mesmo objetivo. Isso vale tanto para a fé divina (a autoridade é portadora de uma verdade que transcende os limites da razão) quanto para a fé humana na sua realidade específica (a autoridade é portadora de verdades acessíveis à razão). A confiança plena na autoridade externa só pode acontecer se esta autoridade se revela pela sua beleza que pressiona a inteligência com o bem e a verdade no peso da glória, uma alegria expansiva do ser que cura com sua manifestação.

A exteriorização arteterapêutica de pensamentos e impressões e sua ruminação e processamento feita pelo indivíduo deve ser mediada pela autoridade do mistagogo, do terapeuta como especialista a partir do conhecimento natural desenvolvido e/ou num plano sobrenatural a autoridade do diretor espiritual. Deve ser conduzida com a luz do Amor Divino como guia e com o apoio de uma comunidade que se ama e ama o Amor Divino e sua luz. Somente pela busca voluntária do bem é possível remediar a precariedade da inteligência (desfigurada pelo pecado) de alcançar a verdade. A beleza tem papel fundamental neste processo na medida em que une a alma ao bem da verdade e à verdade do bem: a autêntica beleza é verdade como bem, é manifestação benéfica da verdade e por isso a graça está intimamente relacionada seja ao bem seja à verdade como uma efusão da beleza. E é neste sentido que o núcleo fundamental do evangelho pode ser dito (como fez o papa Francisco na Evangelii Gaudium) como a beleza do amor salvífico manifesta em Cristo morto e ressuscitado.

Toda beleza é curativa por tornar presente a realidade da verdade e do bem numa manifestação do ser ao ser mas a beleza mais curativa e salvífica só pode ser a beleza do próprio Deus desde que se torne acessível ao ser limitado do homem no mistério da encarnação. Este mistério se realiza em tudo que há, tudo que houve e haverá, todo ser que não é Deus plenamente é Deus participado, encarnado em algum grau num símbolo que remete analogicamente a Deus (mesmo os anjos possuem algo de carne na medida em que tem algo de potência e na medida em que atuam na matéria); a plenitude porém da encarnação é a união plena entre Deus e criatura na pessoa de Cristo que assume em si todas as coisas. O mistério de sua vida temporal e de sua absorção plena na eternidade pela encarnação, morte, ressurreição e ascensão é a manifestação plena da eternidade (a maior manifestação possível), é a fonte de todas as outras manifestações, a maravilha das maravilhas que deve ser recordada (no amplo sentido de renovada, atualizada, tornada presente e participada) no coração. Esta maravilha das maravilhas se mostra como Amor e como Luz, duas palavras que exprimem o máximo que podemos expressar sobre o ser e sobre o ser em si que é Deus: "Deus é " "Deus

é Luz" "Deus é amor", Unidade na Trindade, beleza que para si é bela e que se sabe bela saboreando em si esta beleza.

A atitude fundamental do coração na contemplação amorosa da beleza se expressa de modo fundamental na oração de bênção que é um meio para evitar o esquecimento da verdade.
(Aqui relembrei a meditação que fiz sobre o salmo 102)

Salmo - Sl 102, 1-2. 3-4. 9-10. 11-12 (R. 8a)

R. O Senhor é indulgente e favorável.

1 Bendize, ó minha alma, ao Senhor, *
e todo o meu ser, seu santo nome!
2 Bendize, ó minha alma, ao Senhor, *
não te esqueças de nenhum de seus favores! R.

3 Pois ele te perdoa toda culpa, *
e cura toda a tua enfermidade;
4 da sepultura ele salva a tua vida *
e te cerca de carinho e compaixão; R.

9 Não fica sempre repetindo as suas queixas, *
nem guarda eternamente o seu rancor.
10 Não nos trata como exigem nossas faltas, *
nem nos pune em proporção às nossas culpas. R.

11 Quanto os céus por sobre a terra se elevam, *
tanto é grande o seu amor aos que o temem;
12 quanto dista o nascente do poente, *
tanto afasta para longe nossos crimes. R.

1 Bendize, ó minha alma, ao Senhor, *
e todo o meu ser, seu santo nome!
2 Bendize, ó minha alma, ao Senhor, *
não te esqueças de nenhum de seus favores!

Bendizer= bem dizer, bênção =bem-dicção= boa palavra. Berakah no original em hebraico = prostrar-se de joelhos em adoração e ao mesmo tempo vida em plenitude. Tradução do hebraico ao grego: eulogia = boa palavra, mas também eucaristia = boa graça = ação de graças que vem de kharis= beleza formosura, elegância, charme, disposição favorável em relação a alguém, ato voluntário de boa vontade, gratidão, gratificação, deleite (alegria) e por sua vez kharis vem do Verbo khairo: estar calmamente feliz.

Berakah no latim é traduzida por benedictio=bênção, bendizer e por gratiarum actio= ação de graças. Graça por sua vez do latim significa dom, favor ou retribuição, gratidão pelo favor recebido ou louvor e até certo ponto ao menos no português também charme e beleza como no grego; o radical indo-europeu que origina a palavra significa aprovação: louvor que reconhece, que quer e deseja que exista aquilo que é amado.

Todas essas nuances de significado estão presentes quando falamos "bendize ó minha alma ao Senhor" e "não te esqueças de nenhum de seus favores." Deus nos ama concedendo sua bênção, seu, dom, seu favor, sua graça, sua Palavra criadora através das palavras que são as criaturas e os fatos da nossa vida e de nossa história (palavras que são sinais, símbolos que em última instância conduzem à Palavra eterna que é Cristo). Nós, se queremos de fato viver plenamente e receber em plenitude a bênção, devemos recordar no coração, meditar e reconhecer a bênção divina e retribuir o dom divino expressando em palavras e ações a gratidão: o louvor pelo amor do Amado que é o maior dos dons (todos os outros são sinais e símbolos que conduzem ao próprio Deus Amado e Amor).

A bênção é segundo o catecismo a estrutura fundamental de toda e qualquer oração, só podemos rezar porque recebemos a bênção divina e porque devemos retribuir essa bênção, a súplica e pedido dependem da bênção e a ela conduzem já que em última instância só podemos pedir a bênção divina outra coisa Deus não nos dá. A noção plena do que seja a bênção, a ação de graças, o louvor é portanto chave de leitura indispensável para compreender todos os salmos e até todas as orações possíveis e imagináveis, na noção de bênção está o movimento fundamental da alma de receber e retribuir o dom.

Um único ponto a mais sobre a bênção e a ação de graças: como o favor divino embeleza e traz formosura (como está explícito na palavra kháris grega) e por outro lado é dependente da própria Beleza divina, a noção de bênção está também intimamente relacionada à alegria e à Glória da Beleza:

Glória é honra da beleza que alegra na visão, o Esplendor da Verdade em alegre efusão. Glória é bênção e testemunho, da Grandeza, revelação. Glória é honra unida à alegria, é expansão máxima do dom do Amor e do brilho da Beleza, é louvor e bênção na máxima expressão e em hebraico é shekinah: peso = Deus pressionando e fazendo tremer o universo com poder e majestade ao revelar-se na sua Beleza.

Beleza que pede amor, amor que é reconhecimento e aprovação, louvor e bênção que recorda no coração o dom da beleza e exprime em sinais e palavras orantes a grandeza do dom. O coração é a inteligência enquanto memória espiritual e presença de si mesmo a si mesmo e que (absorvendo em si a reminiscência da experiência sensível e mediante os signos trabalhados por esta) faz com o intelecto agente seu trabalho de analogia que conduz do sensível ao espiritual, ao mesmo tempo inteligência movida pelo amor ao bem da verdade, da

beleza que se manifesta nas coisas e acontecimentos. O coração é a inteligência como centro íntimo da alma ou seja a inteligência quando recolhe em si o homem por inteiro incluindo a sensibilidade e a imaginação, a emoção e o afeto no ato de estar presente plenamente a si mesmo na reflexão, no recordar para viver na verdade e no amor. O coração é segundo toda a tradição mística desde a Bíblia até os últimos santos e o novo catecismo o "lugar" da oração verdadeira, o "lugar" da bênção e por isso o salmo diz "não te esqueças". Esquecer é deixar o coração à deriva, é viver de exterioridades sem perceber e reconhecer o Amor e a Bênção Divina.

O salmo prossegue em elogio da ternura divina que perdoa, que vendo o estrago que fizemos com seu dom deformando-o e deformando-nos, ao invés de nos abandonar renova o seu dom e nos torna belos novamente e participantes de sua beleza na alegria da bênção e do louvor.

No final o salmo lembra que o amor de Deus é grande para os que o temem. Isso quer dizer que os que o temem são os que acolhem o dom do perdão amoroso e por causa desse dom podem acolhê-lo e recebê-lo no temor. O temor é o tremor e o imenso respeito diante da glória da Beleza que se manifesta com poder, é a atitude fundamental do coração que pela admiração conduz à poesia da bênção.

quanto dista o nascente do poente, *
tanto afasta para longe nossos crimes.

O nascente é símbolo da vida em plenitude, símbolo de Cristo na ressurreição; o poente é símbolo da morte, de Cristo que padece e morre por amor doando-se na Cruz. A distância entre o nascente e o poente é a distância entre a morte e a vida: Cristo afasta para longe nossos crimes retirando-nos do abismo da morte e conduzindo-nos para a vida em plenitude. A morte se fosse absoluta (é impossível que seja) seria o nada absoluto, o contrário do ser absoluto e vida absoluta que é Deus, não há distância mais extrema que essa, e é nesta distância que Deus afasta de nós nossos pecados: os pecados se tornam nada comparados com a vida abundante do dom, da bênção, da graça. Mas para isso é preciso que o dom seja acolhido com temor no coração e na atitude de bendizer. O sacrifício de Cristo que sintetiza em si sua morte e ressurreição é a ação de graças, a bênção suprema, a oração perfeita humana e divina que numa única pessoa, no coração eucarístico manso e humilde de Cristo, une o dom divino com o dom humano na manifestação da glória. Somos chamados a participar dessa eucaristia suprema e cada oração bem feita que fizermos (fundamentada na bênção e realizada no coração, com "intentio cordis": in-tensão cognitiva e afetiva, atenção pura na pureza do temor, como diz São Bento na sua regra) é sempre intimamente relacionada com a Eucaristia suprema: a divina liturgia, o divino serviço, a obra divina, o opus dei.

Em última instância somente o canto que une corpo e alma pode expressar a bênção plenamente porque só o canto pode mobilizar plenamente todo o ser humano na atividade centrante do coração.

O coração é a inteligência enquanto memória espiritual e presença de si mesmo a si mesmo e que trabalha por analogia que conduz do sensível ao espiritual, ao mesmo tempo inteligência movida pelo amor ao bem da verdade, da beleza que se manifesta nas coisas e acontecimentos. O coração é a inteligência como centro íntimo da alma ou seja a inteligência quando recolhe em si o homem por inteiro incluindo a sensibilidade e a imaginação, a emoção e o afeto no ato de estar presente plenamente a si mesma na reflexão, no recordar para viver na verdade e no amor. O coração é segundo toda a tradição mística desde a Bíblia até os últimos santos e o novo catecismo o "lugar" da oração verdadeira, o "lugar" da bênção e por isso o salmo diz "não te esqueças". Esquecer é deixar o coração à deriva, é viver de exterioridades ou de símbolos por eles mesmos sem perceber e reconhecer o Amor e a Bênção Divina que se torna presente nos símbolos.

A partir da idéia de consciência (não no sentido moral) como saber de si mesmo no ato em que se sabe algo podemos aos poucos compreender a memória.

Para Santo Agostinho e São Tomás o nome dessa consciência que não é a consciência moral é *memoria sui*. Lembrança de si mesmo. A memória espiritual em Santo Agostinho e São Tomás tem essa característica de ser percepção de si no presente como um eu que continua do passado e tende para o futuro. E a partir dessa percepção de si há a percepção da própria limitação e do fato de que não somos nosso próprio fundamento. Assim a *memoria sui* "memória de si" a "consciência" só é plena quando alcança a memória de "memória de Deus" "lembrança de Deus". E ambas memória de si e memória de Deus são para Agostinho o fundamento tanto dos atos da razão quanto dos afetos da vontade. Para Agostinho a memória é na alma um análogo do Pai na Trindade. A fonte e origem da vida psíquica.

Consciência "*Cum scientia*" "com ciência" "saber com". Os medievais e os documentos da Igreja e dos Santos geralmente usam esse termo para o "saber com" que acontece junto às tomadas de decisão, todo ato moral exige uma consciência, ou seja um saber que a "com"panha o ato moral pela indicação do bem. Não é desta consciência que estou falando mas de uma consciência que serve de fundamento à consciência moral. "Com ciência" de saber que sabe. De saber ao mesmo tempo de si enquanto se age psiquicamente num sentimento, afeto ou ato de conhecer. O homem tem a capacidade de saber que sabe que sabe. A capacidade de perceber-se a si mesmo nos seus atos psicológicos. Esta capacidade é comprometida e perdida em algum grau nas duas formas de loucura, a neurose e a psicose. É uma perda que todos temos em algum grau por conta do pecado original. Santo Agostinho e os místicos cistercienses falam da imagem desfigurada por causa da perda da semelhança.

A alma tem em si um espelho interior que reflete a luz divina e assim consegue também se refletir a si mesma e compreender-se. Esse espelho é a consciência, a *memoria sui* "lembrança de si" unida à memória de "lembrança de Deus". Mas este espelho é desfigurado pelo

pecado. Manchado e sujo pela perda da semelhança. Nas escrituras o termo para o centro profundo da alma onde nascem as escolhas e onde se originam os pensamentos e afetos é "coração". Esse coração é a consciência, é a memória espiritual. Saber "de cor", saber de memória, é saber de coração, decorar - "Cor" vem de cordis, coração em latim. O coração ou memória espiritual antes de guardar qualquer coisa, qualquer lembrança, é capacidade. É um abismo no homem que pode receber a participação da vida divina e que foi criado para isso. Por isso a suma da perfeição do São João da Cruz: "olvido (esquecimento) do criado, memória do criador, atenção ao interior e estar amando o amado."

Esse centro da alma que é o coração e a memória se realiza em ato e plenamente no momento em que de fato o homem está consciente ou seja atento. Mas a capacidade do homem para se conhecer e conhecer a Deus, para amar-se e amar a Deus não se dá na memória espiritual sem que ela como núcleo envolva todas as capacidades humanas, desde as mais sensíveis como a imaginação até o intelecto, o raciocínio, as emoções e os desejos da vontade. E o homem só pode fazer esse itinerário de lembrar-se de si e de Deus, esse itinerário de tomar posse de si (e de sua liberdade) e de tomar posse da participação na vida divina através da mediação de símbolos.

Ao homem é natural conhecer-se a si e a Deus no ato de conhecer as coisas sensíveis e materiais, as obras da criação. Por isso o versículo do salmo que inicia minha meditação "lembrai sempre as maravilhas do Senhor": As maravilhas do Senhor são os sinais de Deus na nossa vida, na criação, na história, na obra da redenção. São sinais que se manifestam de algum modo aos sentidos. O modo como o homem digere esses sinais e recorda é através da arte. A arteterapia é assim fundamental a qualquer ser humano e toda arte verdadeira é terapêutica porque leva o homem a recordar a eternidade através da experiência da beleza. Há lendas mitológicas que contam como Zeus presenteou a humanidade com as musas (a palavra música vem daí) para que inspirassem a arte e assim o homem lembrasse daquilo que é essencial e que ele tende a esquecer. As musas na mitologia são filhas de Mnemosine - a deusa memória. Esses temas são recorrentes em diversas culturas.

Os tempos da memória

A memória no homem não é apenas um voltar-se ao passado, ao contrário, já na memória sensível é uma potência que guarda as espécies intencionais ou seja, as razões de bem como finalidade e, portanto, as expectativas do futuro. Esta característica de estar voltada também para o futuro é ainda mais presente na memória espiritual.

A memória do homem é que permite a percepção do tempo e sem a memória há apenas mudança mas não tempo propriamente. A memória se constitui assim em relação aos tempos, em relação ao passado, ao presente e ao futuro. Em alguns idiomas se percebe que o homem na sua relação com os três tempos alcança a percepção ao menos obscura da eternidade e assim a memória tem seu fundamento último no "tempo" divino que não pode ser chamado

propriamente de "tempo" mas que tem em alguns idiomas um "tempo" verbal próprio; no idioma grego, por exemplo, temos o aspecto temporal aoristo que indica uma indeterminabilidade temporal que aponta para a ação da eternidade - esse aspecto verbal, o aoristo, aparece em geral apenas nos textos filosóficos que tratam do princípio primeiro e também nas sagradas escrituras no novo testamento e na tradução do antigo feita pelos setenta.

Esses aspectos do tempo em relação à memória podem ser compreendidos analogicamente como símbolos da vida da Trindade e assim o tempo passado remete à fonte, ao Pai de quem tudo procede, o tempo futuro remete ao Espírito Santo que na Trindade termina as processões intratrinitárias e que é simbolizado pelo bem como causa final e transcendental do ser, o Verbo é simbolizado pelo tempo presente graças à simultaneidade atemporal da verdade.

Também podemos compreender os três tempos como símbolos das virtudes teologais sendo: a esperança nas promessas ancorada nas maravilhas realizadas por Deus no passado, a caridade desejosa da plena união futura e a fé o guia que ilumina o presente do homo viator, o presente do homem peregrino neste mundo.

Os três tempos podem ser relacionados com o peso, número e medida com os quais Deus criou todas as coisas (como se lê no livro da Sabedoria), o peso é a inclinação para o futuro, para o fim, o número é a estrutura que define a essência de cada coisa em todos os seus momentos e possibilidades e a medida é o ser dado à criatura segundo uma participação no ser eterno e assim uma delimitação que vem do primeiro instante no passado de cada criatura e fundamenta suas transformações.

Os três tempos da memória também são símbolo dos três dons afetivos do Espírito Santo: temor, piedade e fortaleza; temor reverencial diante das maravilhas que sabemos que Deus realizou, fortaleza para enfrentar as dificuldades presentes e piedade filial que nos impulsiona para o fim da plena união com Deus nosso Pai.

São símbolo também dos três dons intelectuais do Espírito Santo: conselho, ciência, entendimento; ciência que nos mostra a relação de todas as obras divinas realizadas com sua fonte na Trindade, entendimento que nos ensina sobre os mistérios e sobre a vida futura bem-aventurada e conselho que nos ajuda a tomar a decisão adequada ao momento presente tendo em vista nosso fim último. O dom de Sabedoria ao mesmo tempo afetivo e intelectual transcende o tempo e nos coloca no centro do mistério unindo todos os tempos pelo julgamento feito à luz mais elevada.

Como o homem é assim constituído em seu núcleo pela temporalidade e pela relação com os tempos, assim há também no homem tensões existenciais relacionadas com cada um dos três tempos.

Há em cada homem um certo grau de transtorno bipolar que oscila entre temor/tristeza e esperança/alegria relacionado com o passado e com as experiências que ele recolhe em si do passado; como todas as criaturas e todas as experiências humanas são participantes seja da eternidade seja da limitação (ainda mais após o pecado original que acrescenta à limitação da criação uma limitação má causada pela desordem) assim cada instante vivido mostra algo da cruz e algo da ressurreição, ou mais um do que outro. Dependendo das experiências acumuladas de cada um e de fatores biológicos essa natural oscilação pode (num grau aceitável ou doentio) se fixar mais ou num pólo depressivo e triste ou num pólo mais eufórico e alegre ou então ficar numa oscilação de emoções que pode ser doentia e extremada ou não.

Em relação ao presente há para todos os homens a necessidade de enfrentar as situações cotidianas e estas causam stress e fadiga, outra condição existencial que pelo pecado entrou no mundo e que pode se tornar doentia.

Em relação ao futuro existe a condição existencial da ansiedade, há uma ansiedade constitutiva do coração que só pode repousar plenamente em Deus na eternidade mas nesta vida as consequências das misérias humanas podem causar (além desta ansiedade que encontra seu alívio na esperança e na caridade) uma ansiedade doentia que se angustia preocupando-se demasiadamente com as coisas passageiras numa busca de amor próprio desordenado.

Cada um dos três tempos pode se relacionar mais também com uma maior fixação dos pensamentos em um dos três e assim podemos pensar que há temperamentos mais melancólicos que com frequência pensam sobre o passado remoendo dentro de si, temperamentos mais coléricos que tem maior propensão a pensar no futuro, nas ações que querem implementar, e temperamentos que preferem pensar mais na situação presente: seja com tranquilidade a partir de uma estabilidade que raciocina com mais lucidez como nos fleumáticos (um temperamento que simboliza a paz viva da eternidade mas também a falsa paz da morte e da falta de iniciativa e em certo sentido simboliza mais a totalidade dos três tempos como um presente que dura do que o presente como um instante passageiro), seja com uma agitação que a cada instante muda de foco dependendo dos estímulos exteriores como nos sanguíneos (que oscilam bastante de humor variando como o vento, dependendo das circunstâncias e do momento passageiro).

Os defeitos relacionados com cada temperamento e com as condições existenciais, associados com suas disposições para pensamentos focados num ou noutro tempo podem ser corrigidos pela graça e pelos dons do Espírito de um modo que mais e mais a alma pode se tornar pacífica por uma integração da memória e do coração que contempla ao mesmo tempo passado, presente e futuro no ato de recordar-se de seu fundamento último.

Por sua especial ligação com o tempo e com a memória e por sua especial relação com o movimento, a arte musical tem efeitos profundos sobre o coração humano. A arte musical é

feita de interações entre tensões e distensões que se organizam temporalmente graças ao pólo unificador que é o acento, símbolo do tempo presente que unifica passado e futuro na atenção. O excesso de tensão na música pode causar ansiedade, o excesso de distensão pode causar apatia ou tristeza, o excesso de ênfase no acento pode, se alternado numa repetição cíclica e dançante, causar alegria ou euforia. Há vários tipos de acento e de tensão e distensão na música, acento melódico (analogicamente mais ligado à cor, ao temperamento sanguíneo), acento de duração (mais ligado analogicamente ao temperamento melancólico e ao fleumático, mais ligado à forma), acento de intensidade (mais ligado ao temperamento colérico e ao equilíbrio tensional que aparece numa obra pictórica) e todos colaboram para a organização rítmica.

No campo melódico os medievais percebiam em cada modo gregoriano a predominância de um affectus, de uma direção de movimento da alma mas num sentido orante, operado ao mesmo tempo pela alma e pelo Espírito Santo inspirando. Se na arte pagã os pagãos falavam da inspiração das musas, na arte cristã autêntica podemos falar da inspiração daquele Espírito criador que move todas as coisas ao seu fim. É possível pensar de várias maneiras relações entre os modos gregorianos e os dons do Espírito Santo. Podemos pensar que na Igreja a arte musical presta um culto especial ao Espírito Santo, a arte visual iconográfica um culto especial ao Verbo e a arte arquitetônica um culto especial ao Pai. É possível pensar também em modos de relação entre os tempos da memória, os temperamentos, os dons do Espírito Santo, as virtudes cardeais e teologais de um modo a exercer pelo canto gregoriano uma ação terapêutica que ajude uma pessoa a atingir sua plenitude.

2- Reflexão e algumas idéias sobre as 8 moradas da alma e operações das potências anímicas.

8 moradas da alma e operações das potências em sua tríplice divisão dentro de cada grau de ser: memória-inteligibilidade-inclinação (modus, species, ordo; mensura, numerus, pondus), e suas subdivisões. Síntese entre várias idéias derivadas de vários autores (Santo Agostinho, os vitorinos Hugo e Ricardo, os místicos cistercienses São Bernardo, Guilherme de Saint Thierry e Elredo, São Tomás e São Boaventura, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa d'Ávila, São João da Cruz, São Francisco de Sales, Santa Edith Stein, Royo-Marin, Dietrich von Hildebrand, Martin Echavarría e mais o que li numa série de autores de psicologia moderna e em outros autores cristãos), de meditações que alguns amigos fizeram e meditações pessoais minhas sobre oração, a alma humana e a relação da beleza com a alma humana.

Na primeira morada há três graus de ser, o material, o vegetativo e o sensitivo no seu grau inferior junto com um princípio ínfimo de intelecto que se mescla ao sentido na affectio imaginaria.

Na segunda morada há o grau sensitivo no seu grau superior e o grau intelectivo no seu grau inferior (razão particular).

Na terceira morada há o grau intelectivo ou espiritual propriamente dito que só atinge sua plena espiritualidade quando pela graça pode se elevar até as últimas moradas.

Três graus de ser na Primeira morada:

1a - MODUS 1- natureza material ("memória" substancial, permanências e alterações da estrutura material) - muralha do castelo interior.

SPECIES 2- forma como princípio de operações

ORDO 3- inclinação natural = disposição + efeito.

1b - MODUS 1- natureza vegetativa ("memória" genética e vital, permanência e alterações da estrutura vital) - muralha do castelo interior e algumas divisões de muros interiores.

SPECIES 2- forma princípio de operações

ORDO 3- inclinação natural = disposição + efeito.

1c - MODUS 1- imaginação = affectio imaginaria (composição e divisão das impressões) + fantasia (memória sensível das impressões)

SPECIES 2- impressão sensível nos sentidos e no sentido comum

ORDO 3- paixão (emoção) concupiscível instintiva ou mediada pela affectio imaginaria = mutação interior + reação efetiva que se desenvolve em comportamento exterior.

Primeira morada do castelo interior:

1d = 1a+1b+1c recebendo influxo da graça santificante.

Importante notar que a affectio imaginaria é o grau ínfimo de espiritualidade, uma refluência do intelecto na imaginação e que não existe nos outros animais, nem mesmo nos superiores, apenas no homem. O menor grau possível de autoconsciência e de percepção da transcendência (pela percepção do belo sensível) acontece nela e é possível ter uma razão e uma fé frágeis relacionadas a um intelecto que opere neste grau (quando a memória espiritual põe sua atividade reflexiva neste “ponto” da alma ao invés de um “ponto” mais íntimo).

2 graus de ser na Segunda Morada (estimativa instintiva e cogitativa/razão particular):

2a - MODUS 1- memória = reminiscência (composição e divisão das espécies intencionais de modo "silogístico") + memória (guardar na memória das espécies intencionais)

SPECIES 2- estimativa = percepção das espécies intencionais, cogitativa (percepção por comparações, composições e divisões)+instinto

ORDO 3- paixão (emoção) irascível instintiva ou ponderada, mediada pela cogitativa = mutação interior + reação efetiva que se desenvolve em comportamento exterior.

Segunda morada do castelo:

2b - 1abc+2a recebendo influxo da graça santificante.

Aqui já aparece um grau maior de espiritualidade com a chamada parte inferior da razão, ou razão particular que recebe refluxo do intelecto e já permite perseguir um bem árduo. A estimativa percebe não apenas a espécie sensível e sua relação com o prazer sensorial mas uma formalidade de bem particular para o organismo e no homem com o refluxo do espírito

pode ser cogitativa operando composições e divisões, comparações e raciocínios sobre o particular. Uma fé menos frágil do que a descrita na morada anterior é relacionada a um intelecto que opere neste nível.

Grau de ser espiritual puro na terceira morada e graus de consciência espiritual:

3 -MODUS 1- memória espiritual = consciência que reflete-se/intelecto agente + intelecto possível como memória espiritual das apreensões intelectuais

SPECIES 2- intelecto = razão que compõe e divide em raciocínios abstratos + intelecto possível como apreensão/percepção do universal

ORDO 3- afetos da vontade = mutação interior afetiva + escolha efetiva que se desenvolve em comportamento exterior ou interior.

- Graus de memória espiritual/intelecto/vontade:

3a - consciência natural intelectual sem a luz da fé

Terceira morada do castelo interior:

3b - consciência a partir da luz da fé operando em raciocínios, início de noite dos sentidos ou para os menos provados momentos de aridez que permitem maior atividade da razão e menos sensibilidade desordenada.

Quarta morada do castelo interior:

4- consciência a partir do início de contemplação infusa fruitiva.

Quinta morada do castelo interior:

5- consciência a partir da luz da fé operando numa simples aquiescência do topo do espírito, oração de união.

Sexta morada do castelo interior:

6- consciência a partir da luz da fé operando num êxtase ou numa renúncia heróica de si (de um eu egoísta).

Sétima morada no seu ato mais perfeito:

7- consciência transfigurada no ápice da união transformante quando a alma participa em Deus na geração do Verbo e na processão do amor no mais alto grau possível nesta vida.

Morada Eterna:

8- Consciência na beatitude celeste quando o ato de união com Deus se torna pleno sem véus e perpétuo. Oitava morada, o próprio Deus como morada e "memória" da alma.

A especial moção chamada sentimento, sua relação com a consciência e a contemplação da Beleza nos seus vários graus:

Nos dois primeiros graus de ser, material e vegetativo, há beleza pela confluência, pela ordem e pela unidade entre forma, inclinação e substrato (modus, species, ordo ou mensura, numerus, pondus: medida, número e peso) mas não sentimento do Belo.

Nos outros graus incluindo a diversificação do grau sensitivo e do intelectivo nas várias moradas há vários graus de sentimento.

O sentimento não é paixão (emoção) nem afeto (volição, moção da vontade), é uma impressão afetiva (affectus em São Bernardo quando operado por Deus na alma), um único ato que envolve a percepção da beleza e sua fruição, uma síntese entre cognição e apetite num único ato presente à consciência reflexiva.

O sentimento é um conhecimento que ama e um amor que conhece, uma integração da tríplice divisão memória-inteligibilidade-inclinação que reage belamente à beleza.

O sentimento só se dá na integração da consciência e nos seus graus que se realizam nos vários tipos de memória enquanto poder de reflexão:

1- a affectio imaginaria,

2- a reminiscência, e

3- a memória espiritual em seus graus de participação espiritual (autoconhecimento natural, e os vários graus de autoconhecimento sobrenatural).

O sentimento do belo pode responder ao belo presente ou ser princípio da criação de algo belo e pode estar relacionado à apreensão do bem simpliciter ou ao bem enquanto atingido e assim se une ao sentimento do feio (feio sensível, espiritual ou moral). Há a possibilidade também do sentimento não ser frutivo e sem que isso implique em feiúra do contemplado mas ao contrário implique numa imperfeição relativa de quem contempla (aqui há ou a desordem de quem contempla atuando ou a suprema perfeição da beleza que pode ser terrificante e assombrosa).

Existem vários tipos de sentimento e é possível que um grau de sentimento por refluência afete outro. É possível que o sentimento do belo sensível com intensidade leve ao sentimento do belo espiritual e à contemplação da verdade e é possível que o sentimento espiritual traga deleite às potências inferiores gerando sentimentos.

Também são possíveis sentimentos desordenados que são perigosos pela ligação do sentimento com a impressão profunda na alma.

É possível que sentimentos estejam contaminados por excesso de paixão ou volição desordenada e então mais que acesso ao belo se tornam obscura vertigem egocêntrica. O belo se reduz ao bem e ao bom perseguidos de forma desordenada e num grau ínfimo que muitas vezes não passa do vegetativo ou da impressão dos sentidos. É nesta degradação que aparecem obras de "arte" que não são dignas desse nome e que não vão além da satisfação desordenada das necessidades mais básicas relacionadas aos instintos de reprodução e nutrição.

O sentimento implica um conhecimento por conaturalidade, um conhecimento íntimo daquele que ama pela união com o amado e assim nos sentimentos espirituais místicos tem-se um conhecimento de Deus pela participação na sua vida derivada do amor em grau elevado. No caso da apreensão das obras de arte humanas e divinas também há a possibilidade desse conhecimento fruto do amor, a possibilidade do sentimento e da experiência que tocam intimamente um outro.

A partir destas considerações sobre as potências, moradas e o sentimento seria possível numa outra reflexão pensar nos vários tipos de sentimento seja de um ponto de vista natural seja sobrenatural e buscar uma compreensão do modo como a alma é “afetada”, como a alma recebe os vários sentimentos tanto no dia-a-dia e atividades quanto na oração e como estes sentimentos podem derivar de uma ação natural (material, vegetal, animal ou humana), preternatural (angélica ou diabólica) ou sobrenatural (divina). Além disso seria possível estudar o modo como os vários sentimentos dentro de seu âmbito próprio (num dos três graus e tipos de memória/centro reflexivo: affectio imaginaria, reminiscência e memória espiritual)

geram hábitos e disposições arraigadas e estudar como se relacionam com a atividade geral do ser humano na prática de virtudes ou vícios ou na prática das artes e ciências.

Considerações sobre o fundo da alma, o conhecimento, a estética, e o símbolo como lugar de encontro relacional e pessoal:

Considero o espírito no homem (o seu núcleo mais íntimo) como a memória espiritual, uma capacidade para Deus, uma capacidade para receber a luz.

Essa capacidade é modulada no intelecto agente, o intelecto agente como que é emanado dessa capacidade e de ambos memória e intelecto emana a vontade. Da reflexão que então acontece entre memória e intelecto agente a memória se manifesta como intelecto possível que acolhe em si a luz dos entes criados abstraída mas esse acolhimento da luz do ser criatural só é possível porque a memória já é abertura "sede" (com "é", lugar) para a luz divina e ao mesmo tempo "sede" (com "ê", desejo) da beatitude.

A memória é análoga ao seio do Pai que em si acolhe o Verbo e o amor porém ao contrário da natureza divina no homem esse acolhimento da luz e do amor pode ter sua plenitude frustrada.

O anjo da guarda é aquele que comunica (tendo recebido das hierarquias superiores) uma luz à memória tornando possível a atualização plena desta em intelecto agente (pode acontecer às vezes sem a interferência angélica de um modo parcial). A iluminação agostiniana aparece assim em duas frentes: há uma iluminação que é a luz da memória como capacidade para o inteligível (espelho luminoso) e há uma iluminação que acontece no momento da apreensão metafísica da realidade. Esta apreensão envolve de um lado a ação angélica ou a atividade imanente da luz interior e de outro uma impressão natural da semelhança das idéias divinas que já estava na memória (como imagem divina) em potência mas sem atualizar-se num verbo mental expresso reflexivo (que é muito mais que uma expressão linguística).

Para que entretanto se inicie no homem esse processo de iluminação é necessário o contato com a expressão visível das idéias divinas, a estética é parte integrante da iluminação: ordinariamente a glória divina aparece participada na glória visível e sensível das criaturas materiais e a sensibilidade do homem quando este está aberto para a experiência da realidade é iluminada pela luz da memória e do intelecto e movida pelo desejo de beatitude da vontade, a apreensão estética é assim o sentimento de admiração.

A admiração é síntese de sensibilidade e inteligência na memória que se vê inundada pela beatitude e luz participada na beleza. Quando porém há fechamento da memória (coração) em si, quando a memória/intelecto/vontade se deixam conduzir pela vertigem e perdem a piedade reverencial diante do real (misto de temor e desejo de união) então destrói-se a possibilidade pessoal do encontro. Porque a avidez de si quer sufocar o outro e não o respeita, a experiência da beleza se torna busca de prazer egocêntrica e deixa de ser encontro com o belo para se

tornar destruição e consumo do outro e por fim perda de si por perda de sua própria perfeição que é relação pessoal subsistente.

E é por isso que estou estudando arteterapia. Porque a corrupção da imaginação quando se separa do intelecto e a arte falsa que se separa do amor e da verdade (ambas, imaginação desordenada e arte falsa causadas pelo egoísmo) provocam a neurose da vertigem enquanto a experiência estética autêntica é apreensão do símbolo na sua transparência luminosa.

O símbolo quando não corrompido é âmbito de realidade (para usar a expressão de Alfonso Lopez Quintás). É abertura relacional que cria campo de jogo, possibilidades de interação do real e comunicação do ser e possibilidades de iluminação: "entreveramento" (reflexão luminosa mútua, interpenetração das luzes). No entreveramento acontece a aletheia (verdade em grego), a patência luminosa, o descobrir do véu. E neste descobrir do véu é possível o encontro com os valores elevados e a partir deste encontro ético é possível a religação com Deus.

O fundo da alma que é a memória num sentido profundo como totalidade da capacidade humana e que inicia o processo acolhendo o dom da admiração encontra-se no termo do processo como compreensão do ser na experiência. No meio há a abstração e as composições e divisões meditativas de vários graus (desde os sentidos até o mais íntimo espiritual) mas no fim a admiração se desenvolve no seu máximo esplendor tornando-se experiência íntima e concreta do ser, compreensão do que há através da unidade dos transcendentais (uno, ser, bem, verdade) no esplendor da beleza, e isso porque a própria alma se tornou bela alcançando a redenção, tornou-se conatural com a beleza e apta a deixar-se mover plenamente pela beleza nos sentimentos elevados.

Até atingir esse ápice é preciso caminhar pelas moradas interiores e passar pelos três graus de memória reflexiva simbólica: a imaginação como affectio imaginaria, a reminiscência e a memória espiritual; é preciso saborear a admiração e os sentimentos de um modo ordenado e belo em cada um desses graus fazendo com que a luz do fundo da alma progressivamente se dirija e guie as ações desde o exterior até o mais íntimo núcleo. Na plenitude da vocação pessoal e do processo de tornar-se pessoa, indivíduo racional subsistente, é o núcleo mais íntimo que tudo dirige a partir dos sentimentos conaturais com a Beleza (Beleza enquanto síntese dos transcendentais do ser), é o núcleo da alma que atinge seu pleno caráter relacional sem negar-se a si mesmo na sua diferença e unicidade.

"A beleza salvará (curará) o mundo"

3- Três tipos melódicos gregos, ethos , ethos do gregoriano, dos temperamentos e os dons do Espírito Santo. Arteterapia espiritual a partir do gregoriano.

Medito a seguir alguns aspectos dos ethos e da composição na música antiga da Grécia e suas relações com o canto gregoriano. E então a partir disto os significados profundos dos modos gregorianos na sua relação com as características psicológicas do ser humano e na sua relação com a elevação dessas características pela vida sobrenatural da graça e do dom do Espírito Santo. Nesse sentido verifico as possibilidades arteterapêuticas do canto gregoriano sobretudo num sentido espiritual teológico de desenvolvimento das virtudes e de abertura à influência curativa do Espírito Santo para a salvação.

O autor antigo Cleônides descreve a composição do "melos" (palavra que origina a nossa "melodia") como "o emprego dos materiais sujeitos à prática harmônica com devida consideração às exigências de cada um dos elementos em consideração" ["Harmonic Introduction", translated by Oliver Strunk. In Source Readings in Music History, vol. 1 (Antiquity and the Middle Ages), edited by Oliver Strunk, 35–46. New York: W. W. Norton.]

Esses elementos incluem o ritmo determinado sobretudo pela poesia e também as várias maneiras de utilizar as frequências sonoras em escalas e tipos melódicos ("tonus", "harmoniai", traduzidos posteriormente por "modo") mas há também o elemento do tipo de destino e de uso da música.

Há três tipos básicos de composição do "melos" na música grega antiga segundo alguns autores (Cleônides, Quintiliano):

- Diastáltico: expansão, diástole abertura, excitante, exaltante, magnificente, heróico, elevação viril, associado à tragédia.
- Sistáltico: recolhimento, sístole, fechamento, depressivo, associado à humildade, aos sentimentos amorosos, ao feminino, ao erotismo, à cantos fúnebres e lamentações.
- Hesicástico: suavizante, hesíquia, pacífico, moderado, associado aos hinos, eulogias, oráculos (cantos sacros)

Há na teoria musical da Grécia antiga três tipos de tetracordes diatônicos conforme semitom que move variando entre tons:

Dórico: mi fa sol la: semitom no início

Frigio: re mi fa sol: semitom no meio

Lidio: dó re mi fá: semitom no fim

O Dórico era considerado o mais importante e origem dos outros.

As espécies de oitava surgem da justaposição de dois tetracordes iguais com um tom no meio exceto no "modo" mixolídio que tem o trítono e assim um meio tom entre os tetracordes e tetracordes diferentes. Cada "modo" tinha um som dominante e um fundamental, a diferença entre o modo plagal e o autêntico era que a escala plagal terminava e começava com o fundamental e o autêntico começava com o dominante e terminava com o dominante. Cada espécie de oitava também é relacionada a um ethos, a uma disposição da natureza, a uma disposição ou moção da alma ou do caráter:

- Dórico mi - mi associado à coragem, virilidade, valente domínio de si
- Frigio ré - ré associado à nobreza mas também a certa variação melancólica ou sanguínea e excitação extática
- Lidio dó - dó associado à quietude, ao relaxamento
- Mixolidio si - si associado à ansiedade, angústia e à tristeza (é o modo que tem o trítono entre fundamental e dominante)

Relação com modos gregorianos :

Em termos de espécie de oitava Protus corresponde ao Frigio grego mas foi chamado dórico nas confusões teóricas medievais e renascentistas. O modo primitivo pentatônico era uma entoação com um intervalo equivalente à terça menor seguido de uma segunda maior (lá dó ré). Um fechamento melódico, portanto, com um intervalo amplo seguido de um intervalo mais curto. No modo protus posterior temos uma final em ré com uma terça cadencial que partindo do ré tem primeiro um tom depois um semitom. Se pensarmos em termos de ethos o protus gregoriano corresponde seja à melancolia do frigio grego seja ao melos sistáltico porém o protus autêntico com suas muitas modulações para o tritus plagal tem algo do melos hesicástico e da tranquilidade do lídio grego e nesse sentido também um caráter amoroso do melos sistáltico.

Em termos de espécie de oitava o Deuterus gregoriano corresponde ao dórico grego mas nas confusões teóricas medievais e renascentistas foi chamado de frigio. O modo primitivo pentatônico era uma entoação com dois intervalos seguidos de segunda maior (dó re mi) o que dá um caráter de movimento e de impulso à linha melódica pela dupla de intervalos curtos. No modo deuterus posterior temos uma final em mi com uma terça menor cadencial que partindo do mi tem primeiro um semitom e depois um tom. Se pensarmos em termos de ethos o deuterus gregoriano corresponde seja à virilidade e força (algo de um temperamento colérico) do dórico grego, seja ao melos diastáltico.

Em termos de espécie de oitava o tritus gregoriano corresponde ao lídio grego (apenas inverte autêntico e plagal nas confusões teóricas medievais e renascentistas). O modo pentatônico primitivo era uma entoação com um intervalo de segunda maior seguido de um intervalo de terça menor (sol lá dó ou transposto dó ré fá), portanto, uma abertura no movimento melódico

no sentido oposto ao do protus, com um intervalo curto seguido de um amplo. No tritus posterior temos uma final em fá com uma terça cadencial maior com dois tons. Se pensarmos em termos de ethos o tritus gregoriano corresponde à tranquilidade do lídio grego porém tem segundo os medievais e renascentistas um caráter alegre o que o torna uma síntese entre o melos diastáltico e o hesicástico.

Em termos de espécie de oitava o tetrardus gregoriano corresponde ao hipofrígio grego mas nas confusões teóricas medievais e renascentistas foi chamado de mixolídio. Nos modos primitivos pentatônicos é equivalente ora ao protus primitivo ora ao tritus primitivo dependendo do arranjo dos intervalos de terça e de segunda (protus: ré fá sol, tritus: ré mi sol). No modo tetrardus posterior temos uma final em sol com uma terça cadencial maior com dois tons e o modo se diferencia do tritus pela nota abaixo da final em um intervalo de segunda maior (fá abaixo do sol) ao invés de menor (mi abaixo do fá). Se pensarmos em termos de ethos o tetrardus gregoriano participa do recolhimento melancólico do frígio grego e do melos sistáltico (até por sua derivação por transposição de quarta justa a partir do protus) e ao mesmo tempo tem alegria como o tritus e movimento diastáltico quando acentua cadências intermediárias em mi e si; neste sentido o tetrardus autêntico é uma síntese difícil entre diastáltico e sistáltico dando um caráter de excitação, exaltação e êxtase enquanto que o plagal tem o caráter hesicástico e tranquilo do lídio grego mesclando e assim é uma síntese de melos sistáltico com hesicástico.

Em todos os modos gregorianos os graus fortes do tritus tem forte presença estrutural e assim o ethos tranquilo do lídio traz um melos hesicástico a todos os modos gregorianos em muitas das cadências. Isso é explicável pela busca da paz na alma procurada pela oração cantada no gregoriano e pelo caráter sacro. Ao mesmo tempo a utilização do si móvel traz movimento diastáltico em todos os modos, em alguns esse caráter diastáltico de impulso aparece mais, pela influência dos intervalos de segunda menor em si e mi (principalmente nos dois deuterus e no tetrardus autêntico). O caráter sistáltico aparece mais em alguns modos, mais nos protus autêntico e protus plagal, seguido do tritus plagal e por fim no tetrardus plagal - modos que tem muitas cadências em ré, mas também aparece nos outros pela ênfase decorativa do ré abaixo do mi nas cadências do deuterus e pela importância do ré como nota de recitação no tetrardus autêntico.

Essas considerações mostram o equilíbrio do repertório gregoriano nas três maneiras de pensar o movimento rítmico-melódico e o movimento da alma: tensão, distensão e repouso. Mas, ao mesmo tempo, mostram que nos três modos primitivos temos um mais tensionante no deuterus primitivo, um mais distensionante no protus primitivo e um mais repousante no tritus primitivo. E, quando eles evoluem para a quaternidade, temos: mais distensão no protus, mais tensão no deuterus, um repouso alegre com mais tensão no tritus, um repouso alegre com mais distensão no tetrardus plagal. O tetrardus autêntico é paradoxal com fortes tensões e distensões se alternando mas ao mesmo tempo mantendo a alegria do tritus e do tetrardus o que o torna propício a expressar o arrebatamento extático e o repouso instável de uma alma

elevada acima de condições naturais (é chamado angélico por autores medievais). O deuterus autêntico é mais tenso que o plagal com forte ethos indicando veemência enquanto o plagal tem muita participação de tritus transposto nas cadências em dó grave e protus transposto nas cadências em sol e em lá e dessas cadências ganha seu ethos harmônico de apaziguar ira ao mesmo tempo em que fortalece e dá impulso.

Considerando que: 1- Segundo teóricos gregos o tetracorde diatônico dórico em mi é o mais importante (assim como seu correspondente harmoniai) e dá origem aos outros tetracordes. 2- a escala cigana e a escala espanhola chamada também judaica é uma variação do frígio moderno (dórico grego) que pode ser entendida a partir de uma escala pentatônica (lá dó ré mi) com notas extras que movem para o mi e para o mi transposto uma quarta justa em lá (um fá acima do mi e um sol sustenido abaixo do lá). 3- Muitas e muitas peças do repertório mais antigo gregoriano tem forte presença do modo primitivo deuterus em mi. 4 - há as peças do modo deuterus transposto em lá que oscilam bastante entre protus e deuterus graças à variação do si entre natural e bemol. 5 - as peças do ordinário pascal luz et origo estão num modo deuterus em mi.

Considerando estas coisas postulo uma hipótese a ser testada e confirmada em pesquisas musicológicas: a partir da salmodia judaica e da influência do dórico grego as primeiras cantilações cristãs foram predominantemente com o mi como corda de recitação e final e a partir do mi eram feitas modulações para o protus primitivo e para o tritus primitivo com uma crescente valorização deste último em graus pentatônicos. Uma adaptação da salmodia judaica para o mundo ocidental da época seguida de uma busca crescente pelo recolhimento na oração foi fazendo com que mais e mais o protus tomasse preponderância a partir da instabilidade do deuterus e a busca pela paz característica do tritus levou ao surgimento sintético do tetrardus quando a cantilação se ampliou em arcos melódicos mais amplos.

Assim, a partir do impulso da piedade que caracteriza o deuterus e é símbolo da oração insistente de súplica foi se ampliando um movimento de recolhimento meditativo e compungido característico do protus e nas modulações de um para outro a alegria pacífica do tritus vai trazendo estabilidade até que no movimento cantado mais amplo surge o tetrardus plagal como síntese do recolhimento com a paz e a alegria e surge o tetrardus autêntico como o máximo movimento da alma antes da paz plena pelo arrebatamento extático que traz em si o paradoxo da alegria e da dor, da tensão máxima com a distensão máxima.

Com essa idéia temos uma possível sequência melódica do tetracorde das finais gregorianas ré mi fá sol (tetracorde que deu a primeira base teórica para a prática do canto gregoriano) indicando com seu ethos uma progressão espiritual da oração que começa pelo recolhimento humilde passa pela súplica veemente, chega à alegria e ao êxtase e termina na plenitude da paz. Como o primeiro modo gregoriano, o protus autêntico, modula bastante aproveitando todas essas nuances de affectus orante é possível compreender que ele simboliza o dom incriado do Espírito Santo com todos os seus dons e não por mero acaso é o modo utilizado na

sequência de pentecostes e o modo mais utilizado no repertório. Os autores medievais e renascentistas atribuem a esse modo tanto a seriedade quanto a alegria, também a expressão de todos os afetos e a capacidade de moderar e dirigir todas as paixões da sensibilidade. Com a ênfase cristã na humildade e na força divina que ela atrai os medievais associaram as características de força e virilidade do dórico grego à espécie de oitava similar ao frígio grego e assim chamaram de dórico o modo gregoriano que a partir da estabilidade da humildade modula para todos os movimentos orantes.

O segundo modo mais utilizado no repertório que é o oitavo, tetrardus plagal, é relacionado pelos medievais e renascentistas ao conhecimento e à sabedoria, portanto ao dom maior entre os sete e que está associado à bem-aventurança dos pacíficos; não à toa, é o modo do Veni Creator e o do introito da festa de pentecostes Spiritus Dómini.

Partindo do segundo modo protus plagal até o oitavo é possível pensar na sequência dos sete dons em ordem ascendente e, por outro lado, como a escada de Jacó com os anjos subindo e descendo mostra que a subida é a descida da humildade e os livros sapienciais apontam o temor como princípio e fim da sabedoria, é possível também associar no sentido inverso com o oitavo associado ao temor e o segundo à sabedoria. Pensando também nas tríades de dons intelectuais e afetivos correspondentes e relacionados (ciência-temor, entendimento-piedade, conselho-fortaleza, sabedoria-sabedoria) é possível associar os modos correspondentes de tal maneira que:

-o segundo modo correspondente ao temor (ao princípio da conversão pelo arrependimento e pelo temor reverencial à Deus que é justo juiz) está ligado também à ciência secundariamente e secundariamente à sabedoria (a ciência dá o conhecimento das criaturas na sua causa que é Deus e assim suscita o temor reverencial diante do poder de Deus e a sabedoria julga tudo a partir do sabor de Deus como causa primeira e última de tudo);

- o terceiro modo está relacionado com a piedade por sua veemência mística e orante e a piedade é o dom do movimento principal da alma em oração enquanto faz a alma exclamar "Abba" Pai, é o dom do ímpeto da devoção, o dom dos "gemidos" do Espírito Santo mencionados por São Paulo, está relacionado com o dom do entendimento que é o que faz mergulharmos na compreensão das escrituras e no sentido do mistério de sermos filhos adotivos em Cristo e também por sua veemência está associado à fortaleza naquilo que esta tem de impulso violento contra o mal. Entende-se que o sétimo modo seja assim relacionado ao terceiro tendo o sentido de um êxtase que arrebatava a alma no movimento orante levando-a a uma contemplação elevada. O dom de entendimento (que pode ser muito associado ao sétimo modo) é dito pelos teólogos realizar a máxima purificação do coração por uma luz intensa que causa dor à alma ainda não purificada no momento em que a luz divina incide sobre as trevas da alma.

- o quarto modo associado à ciência está também ligado secundariamente ao temor e secundariamente ao conselho e também à fortaleza dirigida pelo conselho (é o ethos da harmonia e do equilíbrio que refreia os excessos da ira e dos movimentos interiores veementes mas tem algo do mistério e do espanto característicos da ciência e do temor quando a alma contempla maravilhas nas obras divinas, pelo conselho e pela ciência este modo modera a veemência do terceiro e a alegria do quinto); nas muitas cadências em sol este modo tem algo também da sabedoria do oitavo modo e pela sequência pentatônica ré-mi-sol, um tritus primitivo transposto, tem algo da alegria e serenidade do quinto modo. Percebe-se que este modo é complexo e como o primeiro tem todas as nuances porém ao invés de acentuar o recolhimento do temor acentua o movimento impulsivo do desejo piedoso. Sua ambiguidade e multiplicidade tem relação com a ambiguidade do dom de ciência que olha a multiplicidade das criaturas e nelas ao mesmo tempo o tudo divino do qual participam e o nada do qual foram criadas; também tem relação com a multiplicidade do conselho que decide o que é melhor em cada momento e por isso depende das diversidades e ambiguidades das situações; pode se considerar a partir disso este modo como o modo da surpresa e assombro diante das novidades divinas em cada manifestar-se de Deus nas criaturas e na obra da redenção e com frequência esse modo surpreende com modulações inusitadas e irregulares.

- o quinto modo está associado à fortaleza pela alegria que permanece mesmo e principalmente nas tribulações e pela estabilidade da paz que torna a alma inabalável, também está associado ao conselho que dirige a fortaleza para as obras de misericórdia e para o serviço divino apontando o dever do momento presente e está associado à piedade pela alegria que a alma recebe na oração ao reconhecer-se como filha de Deus mas mais ainda à piedade na sua relação com os irmãos vistos como filhos do mesmo Pai celeste: é o modo da festa em família, da alegria compartilhada do amor na vida em comunidade. É sempre importante ver como essas características do quinto aparecem em outros modos pelas modulações e pela importância estrutural (em todos os modos) da escala pentatônica maior feita a partir do fá, do lá, e do dó.

- o sexto modo está associado ao conselho pelo seu impulso devoto que mescla com temperança a alegria das cadências em tritus com o temor e reflexão das cadências em protus. É um modo que modera a alegria do quinto direcionando a alma para uma piedade ancorada na graça atual e no respeito pelo dom de Deus e por sua relação com o quinto está ligado à fortaleza e à piedade. Está relacionado à ciência através das cadências em protus (tanto em ré quanto em sol, quanto em algumas modulações em lá) que apontam para o afeto do temor; também está relacionado à ciência pelas cadências em deuterus transposto em lá (com o auxílio do si bemol). Esta ciência traz o conhecimento necessário para que o conselho possa atuar dando a decisão adequada.

- do sétimo comentei ao relacionar com o terceiro, apenas acrescento que além da veemência extática tem a alegria jubilosa que brilha fulgurante nos contrastes de tensão deste modo, entre aspectos mais próximos do deuterus e aspectos mais próximos do tritus. Tem algo da paz do

oitavo mas a veemência e a alegria celeste e angelical ofuscam e tornam esse modo um tanto quanto embriagante.

- o oitavo está associado à sabedoria pela paz que transmite junto com suave alegria. As cadências abundantes em tritus garantem a alegria, a paz e a fortaleza, as cadências em protus trazem reverência mas neste modo sem a preocupação do temor, cadências em deuterus completam o quadro com um movimento que neste modo é tranquilo porém firme. É um modo que pela eminência da sabedoria ao mesmo tempo afetiva e intelectual abrange os outros modos e todos os sete dons porém com mais deleite e suavidade de amor comparado ao primeiro com sua ênfase no temor reverencial.

Pela compreensão dos modos percebe -se aquilo que se chama conexão dos dons mostrando que todos são inseparáveis na sua ação ainda que uns se relacionem mais com uns do que com outros e ainda que em cada momento a alma seja guiada predominantemente por um dom ou outro. É importante também, para bem compreender o ethos dos modos gregorianos, saber que os padres e doutores da Igreja fazem associações simbólicas entre os dons do Espírito Santo, as bem-aventuranças (como obras perfeitas inspiradas pelos dons e que nos configuram com Cristo, o Verbo encarnado) e os pedidos da oração do Pai-nosso dirigidos ao Pai como fonte de todas as bênçãos. Assim como são oito os modos gregorianos é possível pensar em oito dons: o próprio Espírito Santo como dom e as sete maneiras mais elevadas da alma seguir seu impulso como outros dons, são oito as bem-aventuranças com a última sendo a síntese da união com Cristo (pela cruz suportada graças ao amor da verdade), são sete os pedidos do Pai-nosso porém antecedidos por uma invocação geral que estabelece a relação da oração ("Pai nosso que estais nos céus") totalizando oito invocações. Sete simboliza o caminho, a escada até o paraíso como vemos nas sete moradas de Santa Teresa d'Ávila (que podem ser estudadas em relação com os outros septenários) e o um do oito que se acrescenta aos sete simboliza a nova criação, a plenitude da transformação e ressurreição que acontece na eternidade e no fim dos tempos mas que em Cristo já se realizou plenamente.

Percebe-se que em cada modo predomina um de quatro afetos ou movimentos principais:

- 1-impulso passivo em direção ao recolhimento-distensão-sistáltico,
- 2- impulso ativo-tensão-diaistáltico,
- 3- repouso ativo-hesicástico/diaistáltico,
- 4-repouso passivo-hesicástico/sistáltico.

Porém, todos modulam de tal forma que em cada música composta num determinado modo aparece algo de todos os outros e muitas vezes esses outros aparecem em diverso grau.

O movimento seja ele qual for pode ser predominantemente sistáltico ou diaistáltico ou uma síntese com ambos movimentos equilibrados sem domínio de um ou outro, pode ser um movimento mais forte e talvez até desordenado ou um movimento suave que busca o equilíbrio e ordem do repouso. Explicam-se os quatro movimentos principais pela ênfase sistáltica ou diaistáltica de um lado e de outro pela possibilidade da hesíquia, do repouso,

apresentar-se junto com uma ênfase sistáltica ou diastáltica (não há repouso absoluto nos seres criados, tudo que há e que não é Deus encontra repouso no movimento ordenado e este pode ser mais fraco ou mais intenso). Sístole e diástole aparecem de modo paradigmático no movimento do coração de carne, símbolo do coração espiritual, e o coração tem sua hesíquia, seu repouso, quando o conjunto de seus movimentos sistálticos e diastálticos está bem ordenado.

É possível perceber analogicamente e simbolicamente essas quatro direções de movimento nos movimentos relacionados da terra, da lua e do sol: são quatro as estações do ano relacionadas com o sol e quatro as fases da lua. Os três aspectos do movimento que geram as quatro direções (sístole, diástole e hesíquia) podem ser associados ao sol que com o calor gera impulso ativo diastáltico, à lua que gera com suas fases possibilidades de atuação gravitacional diversificada e assim movimentos interiores (movimentos sistálticos) nos seres vivos (permitindo aos agricultores por exemplo escolher a melhor época de plantio desta ou daquela planta), e à terra que no repouso de um movimento ordenado recebe as influências do sol e da lua.

Os quatro ethos que aparecem nesses tipos de movimento são também os quatro ethos dos quatro temperamentos que aparecem na sensibilidade humana. Cada ser humano tem uma mistura em si destes quatro ethos com um deles predominando nos movimentos coordenados de seus apetites: apetite concupiscível (de desejo do bem, busca de recolhimento no objeto amado, mais sistáltico) e de seu apetite irascível (de combate ao mal e de busca possessiva do objeto amado, mais diastáltico).

O temperamento melancólico é predominantemente sistáltico repleto de movimentos interiores exagerados, como a terra com vulcões esperando para despertar, nele predomina o apetite irascível com fraca porém duradoura impressão interior; o colérico é diastáltico, repleto de atividade exterior como um fogo impetuoso que se alastra e demora a apagar, nele predomina o apetite irascível com forte e duradoura impressão interior; o sanguíneo é hesicástico num movimento (ênfase diastáltica) suave e variante como o vento, nele concupiscível predomina pouco com forte porém passageira impressão interior; o fleumático é hesicástico numa postura mais apática e parada (ênfase sistáltica) num movimento suave e rítmico como as ondas de um mar calmo, nele predomina pouco o concupiscível com fraca e passageira impressão interior.

Pelo que compreendi do Szondi e pelo que compreendi da teoria clássica dos humores eu poderia interpretar os impulsos de forças femininas e masculinas no sentido de que o humor melancólico é mais feminino e passivo enquanto o sanguíneo seu oposto é mais feminino e ativo, já o fleumático é mais masculino e passivo enquanto o colérico seu oposto é mais masculino e ativo.

Homens que nascem com temperamento sanguíneo ou melancólico tem uma tendência mais delicada e precisam se esforçar mais para se virilizar e atingir a plenitude da virtude, homens que nascem com temperamento mais fleumático ou colérico precisam se esforçar para desenvolver uma sensibilidade mais maleável para atingir a plenitude da virtude num sentido de cuidado com o outro.

Os temperamentos sanguíneo e colérico sendo ativos tem relação tal que quem nasce primariamente sanguíneo nasce com impulsos secundários coléricos e vice-versa (sendo assim possível, por exemplo, aproveitar os elementos secundários coléricos para virilizar um homem sanguíneo ou aproveitar os secundários sanguíneos para feminilizar uma mulher colérica ou amansar um homem muito colérico).

Os temperamentos fleumático e melancólico sendo passivos tem relação tal que quem nasce primariamente fleumático nasce com impulsos secundários melancólicos e vice-versa (sendo assim possível aproveitar os elementos secundários fleumáticos para virilizar um homem melancólico ou aproveitar os elementos secundários melancólicos para feminilizar uma mulher muito apática/fleumática ou quebrar a insensibilidade de um homem muito fleumático).

É possível que haja uma combinação de dois temperamentos não opostos e não similares como dominantes mas um preponderando e assim a pessoa pode nascer melancólico-colérica ou colérico-melancólica ou então fleumático-sanguínea ou sanguíneo-fleumática; há entre esses pares a seguinte similaridade: sanguíneos e fleumáticos tendem a gravar pouco as impressões na sensibilidade e melancólicos e coléricos tendem a gravar muito as impressões. Um temperamento primário misto de opostos segundo os autores que tratam da teoria clássica dos humores ou é inexistente ou raríssimo. É preciso averiguar aparentes temperamentos mistos se a mistura não é resultado do processo formativo mais que da genética e desenvolvimento embrionário.

Me parece que a tendência na educação infantil é que a família, a sociedade e o próprio indivíduo reprimam excessivamente ou os impulsos do temperamento primário ou do secundário desenvolvendo uma máscara de temperamento oposto, é também possível que haja uma repressão tanto do temperamento primário quanto de seu similar secundário porém um temperamento predomina na máscara.

Me parece que em um processo de amadurecimento normal: na medida em que a pessoa amadurece na adolescência e juventude ela recupera as positivities do temperamento primário ou secundário reprimidos e tem então que desenvolver na vida adulta e velhice o último temperamento menos desenvolvido ou os dois menos desenvolvidos quando houve dupla repressão excessiva.

Quanto aos modos gregorianos e os temperamentos: É possível associar o protus ao melancólico, o deuterus ao colérico, o tritus ao sanguíneo, o tetrardus ao fleumático. Porém, o protus autêntico se aproxima muito do fleumático e o tetrardus autêntico muito do melancólico. O deuterus plagal tem um bom tanto de sanguíneo em comparação com o autêntico e o tritus plagal tem um bom tanto de colérico em comparação com o autêntico, porém nestes modos não aparece o temperamento similar com tanta ênfase.

É possível associar ao temperamento melancólico e ao protus a virtude cardeal da prudência predominantemente e secundariamente a da temperança; ao temperamento colérico e ao deuterus predominantemente a virtude cardeal da fortaleza e secundariamente a da justiça; ao temperamento sanguíneo e ao tritus predominantemente a virtude cardeal da justiça e secundariamente a da fortaleza; ao temperamento fleumático e ao tetrardus predominantemente a virtude da temperança e secundariamente a da prudência. Há maior inclinação natural para prática destas virtudes porém a virtude recebe sua força da ordem da razão e da vontade e sem a conexão das outras virtudes torna-se falsa virtude, por exemplo: o melancólico reflete muito como um prudente mas sem a fortaleza nunca toma a decisão e assim sua prudência é medo desordenado, o colérico tem o ímpeto da fortaleza mas sem a prudência destrói o bem ao invés do mal que devia combater; o sanguíneo tem o impulso da harmonia nas relações sociais mas pela falta de prudência e temperança tende para um egoísmo injusto que deseja o outro para seu benefício; o fleumático tem a ausência de excessos da paixão mas por falta das outras virtudes cai na apatia, na falta de aptidão para saborear os temperos que a vida proporciona.

As faltas a que os temperamentos tendem são corrigidas pela razão iluminada pelos dons intelectivos (na ordem: ciência, conselho, entendimento, sabedoria) e pela vontade fortalecida pelos dons afetivos (na ordem: temor, piedade, fortaleza, sabedoria) e assim os modos gregorianos bem empregados podem servir de terapia espiritual que fomenta as virtudes. A prudência tem sua plenitude no dom de conselho, a fortaleza no dom de fortaleza, a justiça no dom de piedade e a temperança no dom do temor e no de sabedoria.

Além dos movimentos da sensibilidade expressos nos temperamentos é importante considerar interações dos modos com as potências (capacidades) espirituais da alma. É possível pensar cada modo primitivo e os três aspectos do movimento (sístole, hesíquia, diástole) numa relação com os três tempos da memória: passado, presente e futuro. Também com as três potências espirituais e as virtudes teologais que as aperfeiçoam: memória e esperança, intelecto e fé, vontade e caridade:

- o protus e a sístole e o passado se relacionam com a memória e a esperança na medida em que temor e ciência estão relacionados com a lembrança das obras de Deus e a meditação daquilo que ele realizou. Protus e a sístole e o presente se relacionam com o intelecto e a fé na medida em que a ciência dá ao intelecto a compreensão atual da criatura e dos bens em relação à Deus e na medida em que o temor traz a humildade como base do conhecimento.

Protus e sístole e futuro estão relacionados com a vontade e a caridade na medida em que o temor leva o querer a respeitar os desígnios divinos e escolher o que é bom.

- Deuterus e diástole e passado se relacionam com a memória e a esperança na medida em que a piedade e a fortaleza estabelecem a alma na lembrança da eternidade com a memória preenchida pela esperança dos bens futuros. Deuterus e diástole e presente se relacionam com o intelecto e a fé na medida em que a fortaleza sustenta a alma na fé inabalável de modo a enfrentar com inteligência todas as dificuldades e na medida em que a piedade e o entendimento nos conduzem ao presente eterno do filho que louva amando o Pai como expressão clara e inteligível de sua majestade (luz da luz). Deuterus e diástole e futuro se relacionam com a vontade e a caridade na medida em que o impulso da piedade e da fortaleza nos levam a desejar a Deus nosso fim último.

- Tritus e hesíquia e passado se relacionam com a memória e a esperança na medida em que a tranquilidade interior com suave alegria dados pela sabedoria, pela fortaleza e piedade dão estabilidade para que a alma refletindo sobre o que passou possa ser tocada pelo dom do conselho e agir para participar dos dons prometidos por Deus. Tritus e hesíquia e presente estão relacionados com o intelecto e a fé na medida em que a luz do alto firma a inteligência na contemplação jubilosa e pacífica da verdade. Tritus e hesíquia e futuro estão relacionados com a vontade e a caridade na medida em que Deus nos dá a alegria do amor e a sua presença antecipada no desejo da plena união.

- A memória está relacionada com o tempo passado, com o tempo do presente, com o tempo do futuro e com os três modos primitivos na medida em que contém em si a lembrança do passado, a consciência de si no presente e a expectativa do futuro.

- O intelecto está relacionado com o tempo passado, com o tempo presente, com o tempo futuro e com os três modos primitivos na medida em que a inteligência raciocina a partir das experiências passadas numa situação atual tendo em vista uma apreensão da verdade como fim futuro e na medida em que pode contemplar e meditar trazendo à alma a compreensão do fluxo do tempo tendo em vista a eternidade.

- A vontade está relacionada com o tempo passado, o tempo presente, o tempo futuro e os três modos primitivos na medida em que os hábitos passados delimitam seu poder de ação, na medida em que está voltada para o fim desejado e na medida em que decide no presente.

As três potências espirituais através das três virtudes teologais têm relação especial com cada um dos três efeitos mistagógicos da graça: a memória está ligada especialmente à purificação, o intelecto especialmente à iluminação e a vontade especialmente à união. Considerando as relações das potências com os modos primitivos é possível pensá-los relacionando-os com estes três efeitos da graça.

Considerações sobre o uso terapêutico espiritual dos modos gregorianos:

Um aspecto importante a se considerar quando pensamos na utilização terapêutica do canto gregoriano para a promoção das virtudes é compreender que mais importante que o temperamento da sensibilidade é o caráter forjado pelas escolhas do espírito. Cada alma tem mais afinidade espiritual com uma das três potências e isso interfere nas escolhas que cada pessoa faz.

Outra consideração importante é dada por São Francisco de Sales em seu tratado do amor de Deus quando ele mostra de que modos Deus cura os maus movimentos da alma: por um movimento semelhante mais elevado ou pelo movimento oposto. Num exemplo, São Francisco de Sales cita quando Jesus repreende os discípulos que se alegravam por expulsarem demônios e lhes exorta para alegrarem-se ao invés por seus nomes estarem escritos no céu (Lucas 10, 17-20) após afirmar ter visto a queda do demônio por seu orgulho: se Jesus na ocasião fosse usar os modos como terapia usaria o tritus autêntico para elevar os discípulos à consideração da alegria celeste e talvez em conjunto os modos tetrardus para que a alegria esteja fundada na paz e nas verdades mais elevadas e o terceiro modo para dar-lhes impulso afetivo; assim ele usaria um movimento semelhante alegre para curar uma alegria ruim. Ele poderia ao invés ter enfatizado a necessidade da conversão pela penitência e oração humildes e nesse caso teria recorrido aos protus e aos deuterus, uma situação usada de exemplo por São Francisco de Sales em que nosso Senhor usa este expediente do movimento contrário em relação à uma alegria torpe é quando diz: desgraçados os que riem porque haverão de chorar (Lucas 10, 20), nesse caso os modos correspondentes seriam o primeiro, o segundo, o quarto e o sexto que modula o caráter alegre para o temor, a ciência e a reverência moderando afetos do quinto.

Para bem compreender essas possibilidades de ethos moderando movimentos é interessante observar que em cada um dos quatro pares de modos há um que se relaciona mais com certos impulsos de um temperamento e outro que modera mais com as modulações, assim: o segundo modo tem um caráter mais melancólico que pode ser moderado pelo primeiro modo (que modula mais do que o segundo para aspectos sanguíneos, fleumáticos e coléricos); o terceiro modo tem um caráter colérico que pode ser moderado pelo quarto (que modula mais do que o terceiro para aspectos fleumáticos, melancólicos e sanguíneos); o quinto modo tem um caráter mais sanguíneo que pode ser moderado pelo sexto modo (que modula mais do que o quinto para aspectos melancólicos, fleumáticos e coléricos); o oitavo modo tem um caráter mais fleumático que pode ser moderado pelo sétimo modo (que modula mais que o oitavo para aspectos coléricos e melancólicos). Quanto ao protus e tetrardus é importante perceber que o protus plagal tem muito do melancólico no seu aspecto recolhido mas o tetrardus autêntico tem muito do melancólico em seu aspecto de exaltação e excitação interior, e, por outro lado, o tetrardus plagal tem muito do fleumático na sua tranquilidade mas o protus autêntico tem muito do fleumático na sua capacidade de domínio sobre as paixões.

Esses pares todos permitem uma ação mais controlada através de ethos semelhantes tanto no sentido de:

1- moderar o semelhante pelo semelhante (um dos modos do par moderando outro do par, por exemplo: usar o primeiro modo para curar uma tristeza desordenada que é mais próxima ao ethos do segundo modo e usar o oitavo modo para controlar a ansiedade com frequência associada à tristeza);

quanto no sentido de:

2- moderar através de um contrário mais semelhante ao invés de diretamente usar algo contrário mais extremo (por exemplo: para curar um medo e tristeza exagerados e desordenados usar num primeiro momento o modo tritus plagal ao invés do tritus autêntico - que é mais diretamente oposto à tristeza - e só posteriormente usar o mais oposto). Me parece que a ordem mais terapêutica seria começar com o semelhante, ir para um oposto que tem algo de semelhante, ir para o oposto e então ir para o modo mais próximo do movimento desordenado, provocando catarse (exemplo: contra a má tristeza e ansiedade melancólicas, primeiro I e VIII, depois VI e IV, depois V e III e depois II e VII).

Ao utilizar os modos para terapia espiritual é importante sempre lembrar que as pessoas não são estáticas e os temperamentos e inclinações variam segundo a formação, segundo fatores genéticos, biológicos e fatores sócio-culturais e segundo circunstâncias que podem afetá-los como por exemplo traumas, alimentação e uso de remédios.

Na dúvida sobre quais modos tem efeito terapêutico é bom lembrar que: 1- de todas as paixões a tristeza é a mais nociva (segundo São Francisco de Sales há só dois tipos de tristeza boa e segundo a caridade) 2- segundo os antigos o temperamento melancólico é o mais sujeito às enfermidades da alma 3- traumas e dificuldades podem causar melancolia mesmo em quem não tem predisposição grande para o temperamento melancólico 4- os modos que por semelhança moderam a melancolia são o primeiro e o oitavo 5- esses modos são justamente os mais relacionados à totalidade dos dons do Espírito Santo. Pensando nisso e no fato de que os modos mais usados no repertório são o primeiro e o oitavo então é sempre recomendável utilizar muito estes modos para fomentar a virtude já que são intimamente relacionados com a virtude da humildade que é a base e com a caridade que é a perfeição da virtude, juntos estes dois modos tem especial ação contra o amor próprio desordenado egoísta que é a fonte de todos os males. Acrescenta-se a eles o quinto modo que é o terceiro mais usado no repertório (e pelas modulações tem importância estrutural em todos): além de máxima oposição à tristeza o quinto modo é especialmente relacionado à caridade fraterna.

O aspecto mais interessante do canto gregoriano é sua capacidade para expressar seja movimentos que afetam a sensibilidade seja o espírito. Os três aspectos e possibilidades de ritmo (diastáltico, sistáltico, hesicástico) podem ser compreendidos seja como expressão do movimento do coração de carne e de sua ligação com os sentimentos e emoções da sensibilidade seja como expressão do coração espiritual (que na tradição mística está especialmente relacionado à memória como centro da alma e capacidade para Deus) e a

ligação desse coração espiritual com os afetos do querer livre (a vontade que é espiritual). Mas essa ação sobre o duplo coração, a capacidade sensível e a capacidade espiritual do homem, depende da manifestação da beleza, depende da capacidade dos seres de irradiar bondade e mostrar verdade e da capacidade humana de perceber essa irradiação e reagir a ela. A beleza alegre no mostrar-se, causa alegria na doação de bem e de luz e isso tem profunda relação com as características do canto gregoriano em relação à hesíquia, à paz do coração. O canto gregoriano está intimamente relacionado à oração do coração, à tradição de oração profunda que herdamos dos padres do deserto e dos padres da Igreja.

"A alegria do coração é a vida da alma e um inesgotável tesouro de santidade" (Eclesiástico): nada como a música para expressar essa alegria do amor no coração e entre todas as formas de música o canto sacro e litúrgico que herdamos dos padres da Igreja sobressai na sua capacidade para levar o coração à plena felicidade da união com Deus.

O coração como memória está profundamente ligado à música visto que essa só pode tomar forma propriamente e existir em sua totalidade na memória que liga o som passado ao som presente e à expectativa do som futuro.

Epílogo: sobre a espécie de escala grega que foi abandonada no canto gregoriano, e sobre os três tipos de composição e o desenvolvimento da música tonal a partir do gregoriano.

É interessante notar como o modo maior pode ser compreendido como derivado sobretudo do tritus gregoriano e o modo menor derivado sobretudo do protus gregoriano a partir de uso mais abundante do si bemol (resultando no protus numa escala de ré menor e o tritus numa escala de fá maior). O aspecto mais sistáltico predomina no menor enquanto que no maior a ênfase é num movimento diastáltico que resolve na hesíquia. O aspecto mais diastáltico do deuterus primitivo aparece no modo maior nas cadências sobre a mediant e sobre a sensível e no menor nas cadências sobre a dominante.

Mas há algo muito interessante a se observar na música tonal: a recuperação da dissonância do trítono para enfatizar a resolução do movimento na hesíquia e repouso na tônica. No canto gregoriano o tetracorde grego com o trítono que aparecia no mixolídio grego e era associado à angústia aos poucos desapareceu por completo. Mas na música tonal e mais ainda na pós-tonal essa angústia passa a ser valorizada seja para enfatizar e realçar uma passagem de tensão para distensão e repouso, seja em si mesma como expressão de uma situação humana. Essa angústia do trítono está muito relacionada aos aspectos mais problemáticos do humor melancólico quando desordenado e assim é possível pensar que talvez (hipótese a ser verificada numa pesquisa musicológica mais profunda) na Grécia o dórico em mi fosse associado ao colérico, o frígio em ré ao sanguíneo (especialmente num sentido de feminino e de variedade de movimentos) , o lídio em dó ao fleumático e o mixolídio em si ao melancólico.

No canto gregoriano é interessante observar que o si como nota de solfejo era inexistente, tanto o si natural ("b duro" "b quadrado") quanto o si bemol ("b mole") faziam parte de hexacordes que eram transpostos em várias alturas (ut ré mi fá sol lá: duas sequências das finais dos modos primitivos transpostas com protus em ré e sol, tritus em ut e fá e deuterus em mi e lá). Dois hexacordes tinham a nota que chamamos si (B) o hexacorde F G A B \flat C D com o "B mole" e o hexacorde G A B C D E com o "B duro" e em ambos os casos um medieval treinado no sistema criado pelo Guido D'Arezzo cantaria ut ré mi fá sol lá.

O tetrardus gregoriano no seu aspecto jubiloso e pacífico permanece na música tonal em cadências da escala maior sobre a dominante desde que essas apareçam sem o recurso angustiante e tensional do trítono.

No canto gregoriano a excitação do trítono quase aparece nas modulações do tetrardus autêntico (sétimo modo) que às vezes parte do ré, desce ao si e evolui num arco melódico que tem o fá no topo ornamentando um mi. Mas nesse modo a passagem das modulações impede uma impressão de trítono - que não acontece nunca diretamente num salto de intervalo único (si - fá). É interessante observar que este modo é o único na evolução modal final que tem uma tenor que não faz parte da tríade maior formada sobre o fá hesicástico do tritus (fá, lá, dó, são as tenores dos outros modos nas composições mais elaboradas do próprio de missa).

Uma música sacra moderna e contemporânea que queira utilizar os recursos angustiantes e tensionantes do trítono e outras dissonâncias deve levar em consideração a necessidade de busca da paz e alegria serena que devem triunfar no resultado final da composição e expressar por estes recursos mais a catarse e a vitória sobre o mal do que a miséria presente na vida humana após a queda do pecado.